

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Renê Müller

**O CORPO LIMPO, UM ESTUDO SOBRE A CONSTRUÇÃO
SOCIAL DO CORPO FEMININO NA CONTEMPORANEIDADE**

Santa Maria, RS

2019

**O CORPO LIMPO, UM ESTUDO SOBRE A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO
CORPO FEMININO NA CONTEMPORANEIDADE**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Ciências Sociais, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Ciências Sociais.

Orientadora: Professora Dra. Monalisa Dias de Siqueira

Santa Maria, RS

2019

**O CORPO LIMPO, UM ESTUDO SOBRE A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO
CORPO FEMININO NA CONTEMPORANEIDADE**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Ciências Sociais, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Ciências Sociais.

Aprovado em 19 de dezembro de 2019

Monalisa Dias de Siqueira, Dra. (UFSM)
(Presidente/orientador)

Débora Krischke Leitão, Dra. (UFSM)

Alisson Machado, Dr. (UFSM)

Santa Maria, RS

2019

AGRADECIMENTOS

Um trabalho de conclusão de curso caracteriza-se para maioria dos graduandos como um grande desafio, um dos momentos de mais tensão na conclusão de um curso. A questão é que se constitui como parte necessária de uma etapa, assim como início de uma reflexão que poderá dar início a continuidade de novos projetos. No meu caso, este trabalho foi um misto de tudo isso: Sentimento de insegurança, tensão; mas sempre tive uma grande certeza, queria pesquisar algo relacionado ao mundo feminino dentro da antropologia e assim o fiz. Logo, agradeço desde já a minha Universidade Federal de Santa Maria, por fornecer-me, toda a estrutura necessária para realização de um sonho que sempre tive: Ser acadêmica da UFSM. Obrigada ao curso de licenciatura em Ciências Sociais, sempre lutando por uma educação justa e de qualidade, bem como, pela disciplina de sociologia no ensino médio. Agradeço aos meus grandes professores e professoras, que me forneceram tantas fontes de reflexão assim como fomentaram em mim a discussão, a dúvida e a vontade de pesquisar. Escrever esta monografia foi, além de um grande desafio, um aprendizado que levarei eternamente comigo. Também agradeço a minha orientadora Professora Dra. Monalisa Dias de Siqueira, antropóloga, que me apoiou e me deu total liberdade em escrever sobre este tema. Sempre me orientando com grande sabedoria e interesse. Muito obrigada! Te levarei comigo também minha querida amiga. Não menos importante, gostaria de agradecer a minha família, aos que sempre me apoiaram quando decidi voltar a estudar. Não foi uma tarefa fácil, em meio a tantas atividades, como o trabalho diário no salão de beleza e todos os meus compromissos com minha família. Mas se estou escrevendo este trabalho é porque consegui, por isso sinto-me feliz e orgulhosa da decisão que tomei à alguns anos atrás. Voltar a estudar sempre foi um dos meus grandes sonhos e agora estou concretizando. Depois deste curso, posso dizer que me tornei uma pessoa melhor, pois aprendi tantas coisas que usarei para minha vida e dos que me são próximos também. Quebrei paradigmas, relativizei tantas questões e agora vejo que foi apenas um começo, porque ainda a muito mais conhecimento a buscar. Quero agradecer em especial a todas as mulheres que fizeram esta pesquisa ser possível, tanto as clientes de depilação como as profissionais depiladoras, sempre dispostas a responder todas as minhas perguntas e interessadas em ajudar. Espero ter contribuído para um entendimento possível deste grande mundo feminino onde trabalhamos e também construímos nossas feminilidades. Acredito ser apenas um tema que podemos pesquisar entre tantos outros no universo feminino dos salões de beleza. Um espaço tão desejado e frequentado por tantas pessoas diferentes, em crescimento na nossa sociedade atual, mostra-se merecedor de boas reflexões sobre vários temas. Por fim, quero oferecer este trabalho a uma grande mulher que fez parte da minha vida, minha avó Maria de Freitas Moraes. Essa mulher forte, guerreira, amável, que me fez entender o significado de resistência desde muito cedo e apesar de todas as suas lutas, mostrou-me que por traz de toda sua força e bravura, havia uma mulher linda, cuidadosa que eu aprendi a amar e cuidar desde muito cedo.

RESUMO

Este trabalho constitui-se em uma pesquisa qualitativa de cunho etnográfico na cidade de Santa Maria, Rio Grande do Sul (RS), no ano de 2019. Seu propósito é analisar e fazer uma reflexão sobre a noção e a relação que as mulheres cisgêneras possuem de seus corpos, suas construções, seus cuidados corporais, noções de higiene e beleza através da cultura da depilação feminina. Busco relatar a educação dos corpos femininos através da prática de depilação, desde a adolescência das meninas, bem como nas fases seguintes. Discorro sobre como as mulheres apresentam seus corpos nas suas relações sociais e íntimas, e ainda, trago o trabalho e as técnicas utilizadas pelas depiladoras como um tipo de técnica corporal feminina. Ainda que possa existir depiladores homens, o trabalho de depilação é muito maior entre mulheres. A técnica analisada é o método profissional de retirada dos pelos com cera quente/ de panela ou método Espanhol. Minha reflexão busca entender como a depilação feminina ganhou espaço na sociedade, principalmente a partir do século XX com o advento da industrialização que ocasionou a inserção de muitas mulheres ao mercado de trabalho. A depilação adentra séculos e historicamente deixa uma marca na cultura feminina na qual se mostra presente na vida de muitas mulheres até hoje. Entretanto, é necessário entender os múltiplos interesses por essa cultura, sobretudo, os seus significados, sua corporeidade, sua relação com a construção de feminilidades, que são diferentes de acordo com o tempo e a cultura. Para ser possível essa reflexão é preciso primeiramente entender o que é a Depilação e suas diferenças, bem como seus significados. A partir das entrevistas com as clientes, pude observar que a depilação se mostrou não apenas como o ato de retirada dos pelos do corpo, mas como parte da cultura no decorrer do tempo, tendo suas lógicas próprias de acordo com as fases da vida de uma mulher. Nesse sentido, busco explicar cada método de depilação existente na cultura das mulheres na contemporaneidade e os mais utilizados. As técnicas amadoras e profissionais mais realizadas, como também relatar como é o trabalho da “depiladora”, essa figura feminina que atendem no salão de beleza ou na residência. Esse trabalho que requer habilidades técnicas, também demanda habilidades emocionais, pois, é nos atendimentos face a face que as depiladoras muitas vezes constroem seus vínculos de confiabilidade e amizade. Para isso foram entrevistadas oito mulheres adeptas à depilação com cera quente de panela. Os resultados se mostraram um misto complexo de noções de beleza, higiene e sensações que as mulheres chamam de “corpo limpo”.

Palavras chave: Corpo, depilação, depiladoras, feminilidades.

ABSTRACT

This work is a qualitative research of ethnographic nature in the city of Santa Maria, Rio Grande do Sul (RS), in the year 2019. Its purpose is to analyze and make a reflection on the notion and relationship that women Cisgender women have their bodies, their constructions, their body care, notions of hygiene and beauty through the culture of female hair removal. I seek to report the education of female bodies through the practice of hair removal, since the adolescence of girls, as well as in the following stages. I discuss how women present their bodies in their social and intimate relationships, and bring the work and techniques used by epilators as a type of body technique. The technique analyzed is the professional method of hair removal with hot wax / pan or Spanish method. My reflection seeks to understand how female hair removal gained space in society, especially from the twentieth century with the advent of industrialization that led to the insertion of many women in the labor market. Depilation has been going on for centuries and historically leaves a mark on female culture in which it is present in the lives of many women to this day. However, it is necessary to understand the multiple interests for this culture, above all, its meanings, its corporeality, its relation to the construction of femininity, which differ according to time and culture. To make this reflection possible, we must first understand what Hair Removal is, its differences as well as its meanings. From the interviews with the clients, I could observe that the hair removal showed not only as the act of removing the body hair, but as part of the culture over time, having its own logic according to the stages of life. a woman. Still I will explain each method of hair removal in contemporary women's culture and the most used, the most accomplished amateur and professional techniques, as well as report on the work of the "epilator", this female figure who attend the salon or at the residence. This job that requires technical skills also demands emotional skills, because it is in face-to-face care that epilators often build their bonds of trust and friendship according to reports. For this, eight women who were adept at waxing with hot pot wax were interviewed. The results turned out to be a complex mix of notions of beauty, hygiene and sensations that women call a "clean body."

Keywords: Body, Hair removal, epilators, femininity.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Empresas e pessoas ocupadas por setor e porte em 2011.....	22
Figura 2: Pequenos Negócios de Serviços de Beleza e Estética.....	23
Figura 3: Total de Empresas de 2009 a 2014.....	24
Figura 4: Manual de Beleza do Século XIII.....	26
Figura 5: Solicitação de presente por tipo e ano.....	30
Figura 6: A imagem refere-se à Cleópatra, que faz referência a Cera Egípcia.....	31
Figura 7: A imagem refere-se à indígenas brasileiras adeptas a depilação.....	31
Figura 8: Anúncios de depilação nas revistas brasileiras.....	33
Quadro 1 - Quadro Explicativo dos Métodos de Depilação.....	39
Figura 9: Partes do corpo feminino possíveis de serem depiladas.....	40
Quadro 2 – Quadro sobre o método de depilação a partir das entrevistas.....	53

Sumário

1. INTRODUÇÃO	9
2. DEPILADORA E PESQUISADORA: UMA TRAJETÓRIA	11
2.1. O PERCURSO DA PESQUISA	17
3. DEPILAÇÃO: UM TRABALHO LEGAL	19
4. UMA BREVE HISTÓRIA DA DEPILAÇÃO	25
4.1. TIPOS DE DEPILAÇÃO	35
4.1.1. Métodos de Depilação Caseira	35
4.1.2. Métodos de Depilação Caseira mais Recorrentes	36
4.1.3. Métodos de Depilação Profissional	37
4.1.4. DEPILAÇÃO À BRASILEIRA	41
5. A CONSTRUÇÃO DO “CORPO LIMPO”	50
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
REFERÊNCIAS	61

1. INTRODUÇÃO

Tudo oferece um sentido, senão nada tem sentido.

Lévi-Strauss

Este trabalho constitui-se em uma pesquisa qualitativa de cunho etnográfico na cidade de Santa Maria, Rio Grande do Sul (RS), no ano de 2019. Seu propósito é analisar e fazer uma reflexão sobre a noção e a relação que as mulheres cisgêneras possuem de seus corpos, suas construções sociais, seus cuidados corporais, significações, bem como noções de higiene e beleza através da cultura da depilação feminina. Quando me refiro à mulher cisgênera¹, penso que é importante fazermos esse recorte, pois existem outras construções de mulher presentes nossa sociedade como, por exemplo, as mulheres transgêneras.

A minha decisão de estudar mulheres cisgêneras vem ao encontro de eu estar inserida no espaço de salão de beleza e trabalhando há mais de dez anos com esse público. Acredito que qualquer construção de mulher pode igualmente ser analisada neste mesmo contexto, de construção de corpo, feminilidades, noções de beleza e higiene, pois entendo que ser uma mulher é bem mais do que possuir uma vagina, ela está intrinsecamente ligada a um sentimento, um pertencimento, um identificar-se, que não se limita ao corpo. Como na famosa frase de Simone de Beauvoir (1960): “Ninguém nasce mulher, torna-se.”. Existem muitas formas de ser e de ver o outro, no entanto esse estudo procura analisar a cultura de mulheres cisgêneras, como uma cultura identitária, que percebe e procura métodos, conhecimentos para construção/manutenção de seu corpo, numa perspectiva de cuidados de saúde e beleza.

Com isso, busco analisar a educação dos corpos femininos, como as mulheres o apresentam nas suas relações sociais e, ainda, conhecer o trabalho e as técnicas utilizadas pelas depiladoras. Procuo investigar de forma geral como a depilação feminina ganhou historicamente espaço na sociedade moderna e quais os aspectos sociais que implicam nesse processo. Não há dúvidas de que a depilação adentra séculos e, historicamente, deixa uma marca na cultura feminina. A depilação se mostra presente na vida de grande parte das mulheres até hoje, entretanto, é necessário entender os

¹ Mulher que se identifica com o seu sexo designado no nascimento, ou seja, nasceu com vagina e se identifica como mulher.

múltiplos interesses nessa cultura, sobretudo os seus significados, sua corporeidade e a construção de feminilidades.

Para iniciar essa reflexão, é preciso primeiramente entender o que é a Depilação, como ela surge na modernidade, seus significados sociais e práticos. Assim sendo, o conceito de depilação mostrou-se muito mais amplo do que a simples atividade de retirada dos pelos do corpo. Demonstrou-se uma cultura que possui uma educação do corpo, pré-noções de higiene, beleza, significados, como também um trabalho que requer técnicas por parte de quem executa “a depiladora”, precisa-se exercer uma relação de confiabilidade.

Devido às várias formas existentes de depilação profissional, a técnica escolhida para essa pesquisa foi a depilação do “método espanhol” ou mais conhecida como depilação com cera quente de panela, através da “depiladora” que atende no salão de beleza ou na residência. Para isso, foram realizadas entrevistas com as clientes de depilação e observação participante no local de trabalho, o que possibilitou um maior entendimento sobre o universo a ser estudado, bem como demonstrou que o trabalho de depilação requer habilidades técnicas e emocionais, característico de cuidadoras, pois é nos atendimentos face a face que se constroem os vínculos de confiabilidade, segundo relatos das depiladoras que também se tornam ouvintes, conselheiras e, muitas vezes, amigas.

Assim, o trabalho está organizado em 5 partes, além dessa introdução. No segundo capítulo, discorro sobre a minha trajetória profissional enquanto depiladora e como a pesquisa foi construída e realizada. No terceiro, discuto o trabalho de depiladora como um trabalho formal. No quarto, trago brevemente a história da depilação e, em seguida, os métodos de depilação (caseiro, profissional e a depilação à brasileira). No quinto capítulo, discuto sobre a construção do que é considerado pelas clientes como um “corpo limpo”. E encerro o trabalho com algumas considerações sobre o tema.

2. DEPILADORA E PESQUISADORA: UMA TRAJETÓRIA

Gostaria de começar citando o texto “Observando o familiar”, de Gilberto Velho (1978), ele nos mostra que podemos “estranhar o familiar” quando somos capazes de confrontar intelectualmente diversas interpretações existentes a respeito de fatos e situações:

De qualquer forma o familiar, com todas essas necessárias relativizações é cada vez mais objeto relevante de investigação para uma antropologia preocupada em perceber a mudança social não apenas ao nível das grandes transformações históricas mas como resultado acumulado e progressivo de decisões e interações cotidianas (VELHO, 1978, p.132).

A partir dessa técnica de afastamento, estranhando o familiar, podemos analisar e estranhar o que nos é dado sem reflexão, relativizar uma cultura, entender quais são as necessidades das mulheres que frequentam estes espaços, assim como quais os seus discursos a respeito de seus corpos.

Também me amparo na obra de Roberto DaMatta em “O ofício de Etnólogo” (1978), na qual ele nos ensina a realizar uma dupla tarefa: Transformar o familiar em exótico ou o exótico em familiar. No meu caso, transformar o familiar em exótico. Transformar aquilo que já estava corporificado em mim, em dúvida, subjetividade e análise. Um trabalho de observação diária, daquilo que eu mesma fazia.

Embora DaMatta diga ser a rotina um mal necessário, no meu caso, foi bastante gratificante unir trabalho e estudo. Fazer isso com outros sentidos, com outras lentes, me possibilitou uma maior reflexão sobre nossa educação, construção de corpo, beleza, feminilidades, nossa cultura tão naturalizada de depilação, e fazer isso dialogando com várias mulheres, enriqueceu muito a minha jornada.

O problema é, então, o de tirar a capa de membro de uma classe de um grupo social específico para poder- como etnólogo- estranhar alguma regra social familiar e assim descobrir (ou recolocar, como fazem as crianças quando perguntam os porquês) o exótico no que está petrificado dentro de nós pela reificação e pelos mecanismos de legitimação (DAMATTA, 1978, p. 5).

Eu trabalho, há doze anos, atendendo mulheres em salões de beleza na cidade de Santa Maria-RS. Nesses dozes anos, exerci diversas funções dentro dos salões que trabalhei. Atendi tantas mulheres que nunca saberei dizer o número exato. Realizei diversos cursos na área de embelezamento, o que me possibilitou adquirir bastante conhecimento, assim como optar em qual área me dedicaria mais. Trabalhei como esteticista, aprendi a realizar limpeza de pele, fazer maquiagem profissional para todos os tipos de eventos, como casamentos, aniversários, formaturas, bodas, fotos e fiz cursos de depilação profissional, no qual aprendi a trabalhar com diversos materiais e técnicas diferentes.

Além disso, fiz curso de cabeleireira, mas não me identifiquei e nunca exerci. Realizei também cursos de designer de sobrancelhas, hena e tintura, micropigmentação de sobrancelhas com Tebori, além de curso de manicure e pedicure com acabamento artístico.

Comecei meus primeiros cursos no ano de 2007 após ficar desempregada. Na época, eu trabalhava no comércio da minha cidade, tinha filho pequeno e precisava conciliar os cuidados com ele, com a casa, o emprego e ainda estudava a noite para concluir o ensino médio. Não era casada, morava com meus pais e não recebia nenhum auxílio do pai do meu filho ou de sua família.

Apesar de todo empenho que fazia, não conseguia estar presente na vida do meu filho como gostaria, devido ao tempo em que eu ficava fora de casa e aos horários que tinha de cumprir. Foi aí que decidi trabalhar por conta própria, investi tudo que eu tinha em dinheiro na vontade de vencer o desemprego e a dependência econômica de meus pais e apostei nesses cursos que mencionei acima. Não tive medo de apostar nessa profissão. Em primeiro lugar, porque Santa Maria é uma cidade que possui muitos salões de beleza; um rápido passeio apenas no centro da cidade comprova isso. Em segundo lugar, existe uma grande demanda por serviços de beleza, pelo fato de ter muitas universidades, quarteis, clubes que realizam eventos como: festas de formatura, bailes de debutantes, concursos de beleza, entre outros. O terceiro e maior motivo, que me fez procurar essa área, é o meu gosto e interesse por esse trabalho mesmo antes de exercê-lo.

Desde pequena, já estava dentro de um salão de beleza, brincando com minha prima, no salão do meu tio. Tudo começou na família, tínhamos a mesma idade, entre oito e dez anos, estávamos juntas sempre que possível. Eu passava muitos finais de semana com meus tios e o salão de beleza era junto à casa. O meu tio alugava o seu

espaço de trabalho e, na maioria das vezes, o salão estava localizado no centro da cidade, como forma de facilitar a visualização do seu negócio.

Ainda hoje, os salões mais tradicionais de Santa Maria estão localizados no centro da cidade. Crescemos brincando dentro de casa e no salão. A recepção do salão era o lugar mais bonito da casa, uma sala linda, com um lustre e um sofá elegante, flores, quadros de mulheres famosas bem maquiadas e com os cabelos arrumados. Também havia muitas revistas de mulheres consideradas símbolos de beleza, música ambiente, café, telefone (objeto que na época não era popular, poucas pessoas tinham em suas residências). Enfim, um ambiente aconchegante que fazia com que qualquer pessoa se sentisse bem. Hipnotizava-me vendo aqueles espelhos enormes, sentindo o perfume dos produtos, os cosméticos de embelezamento em embalagens tão lindas que prometiam milagres e o som do secador de cabelo misturado como som das tesouradas que saíam daquelas mãos habilidosas faziam uma combinação perfeita para um resultado que era sempre bom.

Muitas vezes ajudávamos meu tio, atendendo a porta, trazendo alguma coisa até ele, arrumando o lugar. O ritmo era frenético para atender o público. A minha tia, sua esposa, ajudava lavando os cabelos das clientes, aplicando tinturas, auxiliando no que fosse preciso, pois o salão era sempre muito agitado. Atrelado a isso, como o salão era no centro da cidade, tinham os passeios que fazíamos pelo calçadão de Santa Maria². Este foi e continua sendo um local de grande fluxo de pessoas e onde nós adorávamos passear. Alguns anos mais tarde, minha mãe fez um curso de manicure e foi trabalhar no salão do meu tio, o que nos aproximou ainda mais de sua casa. Porém essa fase durou pouco tempo, pois minha mãe engravidou e parou de trabalhar fora de casa.

Sempre tive uma amizade e aproximação com minhas primas. Nas nossas brincadeiras, estavam sempre presentes as sessões de beleza. Era comum brincarmos de cuidar dos cabelos fazendo banhos de creme com babosa, uma planta que eu sempre tive na minha casa, conhecida também como Aloe Vera. Nós pegávamos os cremes

² O calçadão é o centro das ruas: Doutor Bozano, Rua do Acampamento, Venâncio Aires, Floriano Peixoto e Alberto Pasqualini. Sempre foi e é um lugar que reúne muitas pessoas, pois é ponto de várias lojas do comércio, inclusive muito forte na cidade. O local conta com cafés, livrarias, agências bancárias, restaurantes, farmácias, lojas de vestuário, equipamentos eletrônicos, móveis, calçados, brinquedos, perfumarias, loterias, correios, lancherias, sorveterias, estúdios fotográficos, shoppings e claro, salões de beleza. Próximo ao calçadão está a principal Praça Saldanha Marinho, onde acontecem muitos eventos da cidade, como apresentações artísticas, feira do livro, Natal Luz, etc. Também temos no mesmo local, o Teatro Municipal Treze de Maio, responsável por oferecer cultura a nossa cidade através de muitos eventos artísticos. Ainda temos, o Clube Caixeral Santa-mariense, criado em 1866, também palco de muitos eventos, como os concursos de beleza “A mais bela Estudante”, entre outros.

capilares sem minha mãe saber, pois éramos muito crianças para usá-los. Também improvisávamos com produtos naturais que tínhamos em casa mesmo, como mel, abacate, ovo de galinha, leite, óleo de amêndoas.

Pintávamos as unhas com os esmaltes mais clarinhos porque cor escura não era permitido para meninas, só para as mulheres. Maquiávamo-nos com as maquiagens de criança que vinham com cheirinho de bala, quando conseguia pegava o lápis preto de olho que minha mãe usava para brincar de se pintar com ele. Nessa época, era assim que falávamos: “se pintar”, e não “se maquiar” como dizemos atualmente.

Éramos “cobaia” uma da outra. Até que um dia descobri que um dos meus tios proibiu a minha prima de pousar na minha casa porque eu a enfeitava demais e abusava na maquiagem. Nós duas rimos muito disso, e rimos até hoje, pois casualmente ela possui um salão de beleza.

Anos mais tarde, esse referido tio foi embora de Santa Maria, mas a sementinha já tinha sido plantada. Hoje, somos três primas que trabalham na área da beleza. O início não foi da mesma forma para todas, mas temos as nossas lembranças de tudo isso até hoje. Eu comecei a fazer sobancelhas quando tinha doze ou treze anos de idade, em uma pessoa muito especial para mim, a minha avó. Eu a visitava toda semana, tínhamos um amor muito grande uma pela outra. Toda semana eu ia até a sua penteadeira no quarto, a penteadeira tinha um espelho que distorcia a imagem, quase não dava para se enxergar nele e na gaveta eu buscava a sua pinça e fazia a sua sobancelha, tirava todos os pelinhos que estavam “fora do lugar”. Era a maneira que eu cuidava dela. Ela nunca me disse como eu deveria fazer, ela só dizia: “Deixa a sobancelha da vó linda”. Eu também pintava seus cabelos brancos, passava creme com babosa nos cabelos dela, tudo o que eu fazia nas minhas primas. E assim, nesse ritual de cuidados que fui aprendendo e gostando, praticando em outras pessoas, e me tornando um pouquinho do que sou hoje, profissional da área da beleza. E acredito que todo esse processo que relatei foi de certa forma um início, no qual encontrei possibilidades de desenvolvê-lo no decorrer do meu caminho.

Assim que concluí o primeiro curso profissional, aos 24 anos, já comecei a trabalhar em um salão, ele era bem longe da minha casa, mas como estava começando não tinha muita escolha. Logo, recebi uma oportunidade para trabalhar em outro salão mais central e aceitei. E assim, fui fazendo novos cursos, me adaptando ao lugar mais acessível geograficamente, ou seja, mais perto de minha casa, conseqüentemente mais perto do meu filho. Fui trabalhando, administrando meus horários, minha casa e assim

construindo minha trajetória profissional, mas nunca me afastando das minhas outras funções e responsabilidades que foram sempre só minhas, nunca divididas, a não ser com meus pais que me apoiaram com o que puderam. Trabalhar por conta própria foi uma alternativa, mas nunca uma tarefa fácil.

Quando se está começando, como foi o meu caso, você acaba se confrontando com situações que por vezes não estamos preparadas. Por exemplo, você não recebe salário fixo e sim uma comissão pelos serviços prestados, que pode variar de acordo com o trabalho que você executa. Por exemplo, a comissão de cabeleireiro não é a mesma comissão da manicure, que pode ser diferente da maquiadora e assim por diante.

Portanto, você não recebe um salário fixo e sim um comissionamento mensal ou semanal. Logo, é impossível saber qual vai ser a sua renda naquele mês, com isso, você tem mais dificuldade em fazer planos, em abrir uma conta no comércio, porque não possui comprovante de renda, conseqüentemente teu crédito é baixo ou inexistente e as tuas possibilidades são menores. Concomitante a isso, você precisa comprar o seu material de trabalho, que pode ser um valor bastante elevado. No caso das cabeleireiras, por exemplo, são precisos vários materiais como secador de cabelo, tesouras, escovas, pentes, chapinha, etc. Maquiadoras precisam investir em vários tipos de maquiagem, assim como depiladoras e manicures.

Quando se está começando, você não possui clientes, não possui experiência e por isso as pessoas não confiam no seu trabalho, tanto os clientes quanto o(a) proprietário(a) do salão. A ansiedade faz parte da rotina. Mas ainda assim, eu conseguia receber por mês mais do que eu receberia no meu outro emprego no comércio de Santa Maria. Se usarmos o salário mínimo como referência, ainda com todas as dificuldades, trabalhar em salão era mais vantajoso. Além dessa “vantagem”, eu legalmente não precisaria cumprir horário no local de trabalho, embora muitos salões exijam. Quem trabalha informalmente, “por conta” como se referem, não possui direitos trabalhistas como em outros trabalhos formais com carteira assinada. Contudo, a liberdade é maior e o salário também, combinação perfeita para quem precisa de dinheiro e possui muitas atividades extras como eu tinha naquele momento.

Existem salões de beleza que possuem a opção de fornecer o material de trabalho aos profissionais, porém a comissão deixada para o salão é bem maior e no final das contas não se torna vantajosa para o trabalhador. Quando o profissional opta por trabalhar com seus próprios produtos, ele pode escolher o que se adapta e lhe agrada mais, o que muitas vezes não acontece se o proprietário fornece todo o material. Isso

porque a escolha das marcas e o controle do uso dos produtos é do salão e não do profissional. Assim, geralmente, é preciso fazer um investimento inicial no seu próprio material de trabalho, assim você consegue receber mais nas comissões e trabalhar com os produtos de sua preferência.

Logo, vai-se buscando fazer o melhor que pode para ganhar o dia, um dia de cada vez e aos poucos você vai aprendendo a trabalhar melhor, adquirindo experiência, conhecendo pessoas e, se o teu trabalho for bem aceito, fidelizando clientes. Foi assim comigo, não quer dizer que seja assim para todas as mulheres que ingressam nessa área. Só depois que você adquire experiência e clientes fidelizados que as coisas começam a melhorar. Quando isso acontece, existe a possibilidade de você melhorar seu local de trabalho, buscar se estabelecer com profissionais mais renomados ou abrir seu próprio negócio. Isso depende muito de cada situação.

Ainda sobre os atendimentos, existem casos de profissionais que optam por atender nos domicílios, mais conhecidos como atendimentos *home care*. Muitas pessoas preferem esses atendimentos porque não podem ir até um salão de beleza, como no caso das pessoas idosas, que dependem de alguém que as leve e as busque, pessoas com problemas de saúde ou temporariamente impossibilitadas. Para isso, a profissional geralmente precisa de um meio de transporte que a possibilite uma locomoção rápida e que não lhe custe muito dinheiro. Como é o caso das profissionais que vão até os domicílios dirigindo motocicletas. Geralmente, as manicures, que podem levar seus materiais de trabalho no bagageiro da motocicleta, quase impossível para outros profissionais por questão de espaço, juntam o maior número de pessoas em uma casa e passam a manhã ou a tarde toda atendendo. Por exemplo, a profissional manicure vai até uma casa fazer pé e mão da sua cliente e já faz o pé ou a mão do marido da sua cliente, da filha, da vó, da vizinha, ou da amiga e assim por diante. Dessa forma, ela tira os custos da locomoção e consegue receber mais dinheiro atendendo em um só lugar. Muitas manicures já optaram por oferecer este tipo de atendimento, pois assim, não precisam deixar uma parte do seu dinheiro em comissão, como é no salão de beleza, ou seja, ganham o seu dinheiro cem por cento para si.

Há também aqueles casos em que os atendimentos são feitos na casa da profissional. Assim, podem ficar mais perto dos filhos, da família e realizar outros afazeres os domésticos, segundo os relatos das trabalhadoras e da minha própria observação durante esses anos de trabalho. Eu sempre trabalhei no espaço do salão de beleza e na minha própria casa, pois como são muitos materiais para carregar, fica

muito difícil esse atendimento em domicílio. Mas confesso que gosto desse ambiente do salão e, principalmente, da socialização com outros profissionais, o que torna o nosso próprio trabalho muito mais rico.

A questão é que sempre admirei aqueles que se dedicam a área da estética. Acredito serem propagadores da cultura de cuidados, pessoas que possuem sentidos treinados, ao enxergar, tocar e sentir, eles conseguem visualizar algo que ainda não existe e através de seus esforços e habilidades, eles transformam, dão novas formas, cores, texturas, sensações.

Dentro dessa “cultura de beleza”, buscam trazer ou realçar o que tem de mais bonito em cada um. Além da capacidade técnica, o profissional é capaz de tocar o sentimento das pessoas. Sempre me chamou atenção aquele momento em que o(a) profissional termina o seu trabalho e mostra para o cliente. É um momento tenso, sem dúvida. O cabeleireiro que pega o espelho e mostra o corte ou penteado pronto, a maquiadora que mostra a maquiagem acabada, a manicure que mostra o resultado de seu trabalho ou a depiladora que mostra uma sobrancelha feita ou uma parte do corpo depilado, é quase uma pergunta como: “Está pronto, você aprova o que eu fiz?”. A própria pessoa que recebe o trabalho fica tensa ou curiosa para saber como ficou, se vai gostar ou até mesmo se reconhecer. Ainda assim, outra reação esperada é aquela sensação expressa pelas clientes, de estar aliviada, de se “livrar” daquela antiga imagem de si mesmo. Isso é muito comum na depilação. Sujeitos a críticas ou a elogios, a sua máxima vai da satisfação profissional à crítica feroz, essa última não perdoa. Trabalhar com a vaidade é sempre um terreno incerto dependendo do tipo de pessoa ou do público que você trabalha. Já vi pessoas com grande poder aquisitivo ou posição “importante” na cidade difamarem a imagem de ótimos profissionais por muito pouco. Portanto, neste meio, é preciso jogo de cintura para trabalhar com muitas pessoas diferentes tanto clientes quanto colegas de profissão e buscar dar o melhor de si no seu trabalho.

2.1. O PERCURSO DA PESQUISA

Todas as considerações apresentadas ao longo do texto foram construídas a partir da minha observação e escuta atenta em cada resposta das minhas clientes. O momento da entrevista foi muito interessante porque eu não era apenas mais a depiladora, mas também a pesquisadora que quer ouvir o que essa mulher tem a dizer sobre seu corpo e suas construções enquanto mulher. Inicialmente, comecei falando

para as minhas clientes de depilação sobre o meu trabalho de pesquisa. Expliquei sobre a minha intenção de pesquisar sobre o universo da depilação e as possíveis construções dentro dessa cultura. Falei sobre isso praticamente por um ano, para assim poder observar as reações das mulheres e ouvir o que elas poderiam falar a respeito disso. Curiosamente, praticamente todas as clientes acharam uma ótima ideia e fizeram muitos comentários, como: “Conta no teu trabalho o que as mulheres são capazes de suportar” (Risos), ou então, “Nossa um trabalho bem feminino!” e, ainda, “Achei maravilhosa essa ideia de falar sobre nós”. Isso foi muito gratificante, senti que estava no caminho certo.

Algumas ficaram à minha disposição se eu precisasse de “testemunhas” (palavras da cliente), o que foi proveitoso, visto que precisaria entrevistá-las futuramente.

Em meio a isso, sofri algumas modificações referentes ao meu local de trabalho. Troquei de salão de beleza, o que foi muito bom, porém, há sempre aquele risco de algumas clientes não te acompanharem no local novo de trabalho, principalmente aquelas que eu já havia decidido fazer o convite para as entrevistas, clientes assíduas e conhecidas há mais de dois anos, algumas oito anos de atendimento.

Logo, precisei esperar por um período de aproximadamente três meses, o que trouxe uma certa preocupação, para esperar as clientes “antigas” migrarem ao novo endereço. Com isso, fui organizando a agenda dos meus atendimentos, novas clientes surgiram, o que não me impediu de falar sobre a minha pesquisa para elas também. Aos poucos, as clientes antigas foram aparecendo, marcando seus horários e, assim, normalizando a minha rotina de atendimentos, em um ambiente mais movimentado.

Como o meu ambiente de trabalho é uma sala fechada, reservada, pensei em realizar as entrevistas com as clientes de depilação na hora da depilação. Tendo em vista que todas já estavam adaptadas ao local, comecei a convidá-las para as entrevistas. Expliquei que precisaria gravar as nossas conversas, que faria algumas perguntas e que sua identidade seria mantida em sigilo absoluto. Foram escolhidas oito clientes. Essa escolha foi difícil porque muitas queriam participar, mas nem todas tinham disponibilidade nos mesmos dias que eu, e não estavam inteiramente à disposição. Assim, as escolhidas gentilmente aceitaram o meu convite e não se cansaram em responder todas as minhas perguntas.

Inicialmente, mandei uma mensagem escrita, por telefone, dizendo: “Olá, estou começando as minhas entrevistas, por questões de praticidade gostaria que você

respondesse alguns dados pessoais, tudo bem para você? Pode responder no horário que ficar mais conveniente. Dados pessoais: Autodeclaração raça/cor; Idade; Escolaridade; Profissão; Renda; Cor; Gênero; Sexo; Orientação/sexual; Estado civil”.

Parti desses dados para depois começar as entrevistas. Identifiquei minhas entrevistadas por número, (Entrevistada 1, 2, 3...) e quando todas responderam as informações pessoais, agendamos a entrevista junto ao atendimento de depilação. Havia elaborado um roteiro semi-estruturado de entrevista e aguardava a primeira entrevistada, naquela expectativa normal de quem está começando. O dia chegou, porém, não foi exatamente como imaginei: o tempo foi curto demais, várias vezes a entrevista foi interrompida, ou pelo telefone da cliente, ou pela dor que ela dizia estar sentindo na depilação. Várias vezes tivemos que interromper as perguntas por causa de um “Ai, pera aí, eu preciso me concentrar”, ou então: “Só um pouquinho, eu preciso respirar”. Isso acontecia diversas vezes, em especial quando a depilação era na virilha. Suspeitava que isso pudesse ocorrer, mas segui com a intenção de fazer durante a sessão de depilação.

Visto isso, decidi fazer as entrevistas em dois momentos: na hora da depilação e por meio de mensagens (pelo aplicativo WhatsApp). A maior parte da entrevista foi realizada durante a depilação e algum detalhe ou pergunta que não tinha ficado clara para mim, voltávamos a falar sobre ela através de mensagens de áudio e/ou texto.

Isso foi muito bom, pois o tempo da pesquisa era curto e eu não podia ignorar esses acontecimentos inesperados porque, até então, todas as clientes entrevistadas se mostraram muito tranquilas na depilação, contudo o efeito “entrevista” as deixou um tanto mais sensibilizadas que o normal.

3. DEPILAÇÃO: UM TRABALHO LEGAL

Em julho de 2009, o Governo Federal criou o programa Microempreendedor Individual (MEI). Eu já trabalho na área há tempo antes mesmo desse programa ser criado. Fui informada do programa quando uma fiscal da prefeitura foi até o salão que eu trabalhava e nos autuou, informando-nos que se não nos regularizássemos no *Sebrae* (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) até o prazo concedido pela prefeitura, iríamos ser multadas e depois o salão.

Assim, saí da “informalidade” e me tornei uma Microempresada Individual. A justificativa desse programa de governo “MEI” é que trabalhadores informais pudessem estar na legalidade e usufruir de benefícios com maior facilidade para financiamento bancário, emissão de nota fiscal e contribuição com a previdência social. Além disso, tínhamos que pagar taxas para prefeitura, pois tínhamos alvará sanitário e de localização. Mas o interessante é que mesmo sendo trabalhadores “ambulantes”, é assim que nos classificam, que podem estar em vários salões, sem fixar vínculo com o lugar de trabalho, é necessário pagar essa taxa.

Eu era uma “ambulante” a partir desse momento, embora eu estivesse trabalhando há dez anos no mesmo salão da minha cidade. Eu me tornei empresada por razão maior, não queria ser multada e muito menos que o meu local de trabalho fosse multado. Achei importantes as medidas sanitárias adotadas, como a obrigação da vacinação contra Tétano e Hepatite nos profissionais da área, por questões de saúde e segurança, assim como a vistoria dos materiais de trabalho.

Ainda assim, existem outras medidas de saúde importantes que deveriam ser levadas em consideração, como as queixas das profissionais sobre o adoecimento no trabalho; problemas alérgicos e respiratórios em função de muita exposição a químicas fortes, como progressivas, tinturas, alisamentos; problemas de coluna, muito comum em manicures, LER (Lesão por Esforço Repetitivo) recorrente em cabeleireiros, massagistas. É comum ver manicures trabalhando dias inteiros sentadas, numa única posição, em cadeiras desconfortáveis, ou em qualquer lugar, junto de outros profissionais, num esforço de otimizar o tempo, tanto para os profissionais como para as próprias clientes. Por exemplo, uma manicure e um cabeleireiro, trabalhando juntos com a mesma cliente. Nesse engajamento, o cabeleireiro que está fazendo um alisamento ou uma escova progressiva e submete a manicure e outras profissionais que estejam próximos dele a sofrerem com o vapor e o cheiro das químicas. Sem falar no barulho do secador de cabelo, dia após dia e outros produtos, como cheiro de esmalte e acetona, que tornam as condições de trabalho muito precárias.

Creio que precisaria ter uma maior fiscalização desses produtos, nas escovas progressivas, por exemplo, que circulam livremente pelos salões de beleza contendo a substância formol em sua composição. Até pouco tempo atrás, todas as progressivas continham formol, o que se mostrou nocivo à saúde e causadora de tosse alérgica, irritação nos olhos e garganta, coriza no nariz, fortes dores de cabeça, entre outros. A cliente que vem até o salão e faz uma progressiva a cada seis meses, não sente tanto os

efeitos nocivos dessa química. Mas o(a) profissional que faz duas, três ou mais progressivas por dia acaba sofrendo seus efeitos drasticamente. Com isso, o(a) cabeleireiro(a) que sofre essa precarização, sem querer, expõe as manicures que estão trabalhando junto com ele(a), num mesmo espaço, entre outras profissionais ou clientes.

Outra questão é o tempo de trabalho numa mesma posição, se o local e os equipamentos são apropriados e se adequam às necessidades dos trabalhadores sem lhes causarem danos à saúde. Essas são questões muito relevantes para serem fiscalizadas e adequadas. Acredito ser necessário uma pesquisa nesse sentido, que nos permita saber o que precisa se adequar e o que realmente mudou na vida dos profissionais da área da beleza depois que este programa MEI foi implantado.

Entendo também, que o que alguns consideram como empreendedorismo é, muitas vezes, necessidade! É necessidade, devido a condições financeiras desfavoráveis, ter que trabalhar e ao mesmo tempo não ter com quem deixar os filhos. É ser responsável pelos trabalhos domésticos, ter que lavar a roupa, limpar a casa, fazer a comida, levar os filhos para escola, cuidar de algum familiar doente, e ainda assim administrar tempo para exercer algum trabalho, porque todos esses outros não são remunerados e tão pouco reconhecidos. É precisar estar em vários lugares quase ao mesmo tempo, realizar várias tarefas e ter um trabalho que se adeque a essa rotina. Por isso, um trabalho que tenha de cumprir horário em meio a tantas tarefas e responsabilidades nem sempre é uma opção.

O trabalho realizado por profissionais da área da beleza é considerado “Prestação de Serviços” e está dentro da categoria do setor terciário segundo Sebrae (Serviço de apoio às micro e pequenas empresas). Entre 2000 a 2009, o setor de serviços foi o que obteve maior crescimento no Brasil. Enquanto o comércio cresceu 34,1%, o setor de serviços cresceu 36,7%. Talvez isso justifique a implantação do programa MEI.

Vejamos alguns gráficos:

Figura 1: Empresas e pessoas ocupadas por setor e porte em 2011.

TABELA 1 - Empresas e pessoas ocupadas por setor (2011)

Setores	Números de Empresas	Pessoal ocupado
Comércio	47.0%	26.7%
Serviços	35.9%	37.0%
Construção Civil	5.0%	7.8%
Demais	12.0%	28.5%
Total	100%	100%

Fonte: Cadastro Sebrae de empresas – CSE, 2011.

TABELA 2 - Empresas e pessoas ocupadas por setor e porte (2011)

Setores	Número de Empresas		Pessoal Ocupado	
	MPE	Médias e Grandes	MPE	Médias e Grandes
Comércio	98%	2%	70,5%	29,5%
Serviços	99%	1%	54,3%	45,7%
Construção Civil	96%	4%	45,2%	54,8%
Demais	96%	4%	42,0%	58,0%

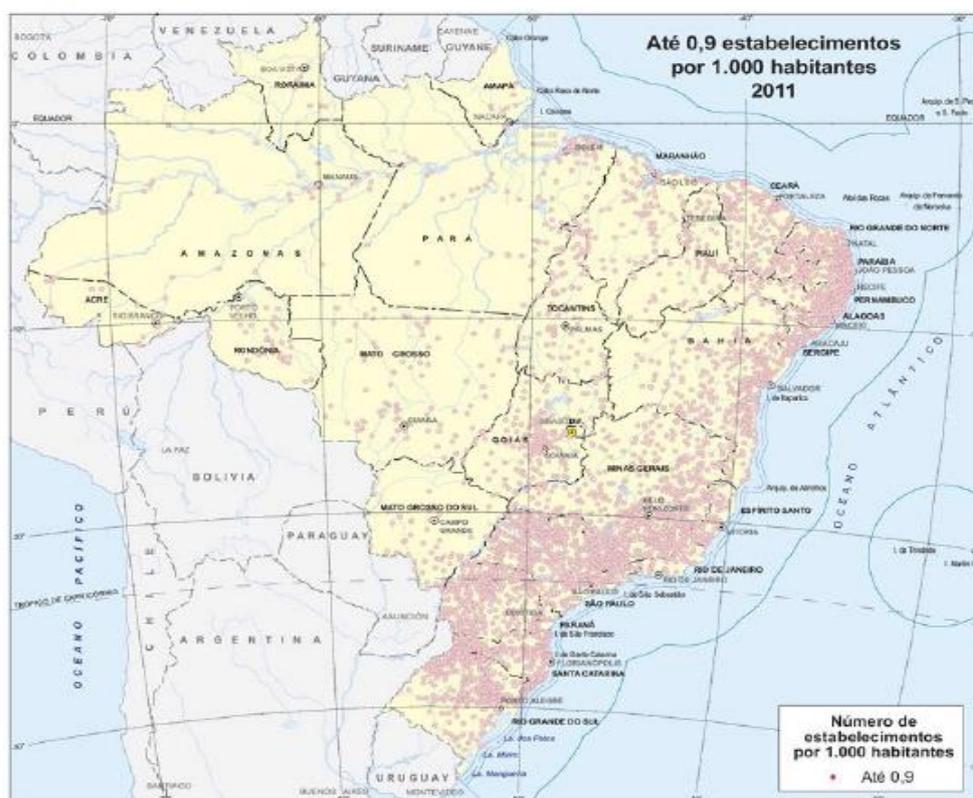
Fonte: Cadastro Sebrae de empresas – CSE, 2011.

Fonte: disponível em:

https://www.google.com/search?q=Cadastro+sebrae+de+empresas+CSE+,+2011.&sxsrf=ACYBGNQVVk4hJ0Jn7wKJCyqBiMS7u65XDA:1574216158192&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=2ahUKEwj-laKX3PflAhWtH7kGHRcTDDQQ_AUoAnoECAwQBA&biw=1366&bih=625#imgrc=90FF4nrRtTh8SM: Acessado em 07/09/2019.

Figura 2: Pequenos Negócios de Serviços de Beleza e Estética

Pequenos Negócios Pequenos Negócios de Serviços de Beleza e Estética



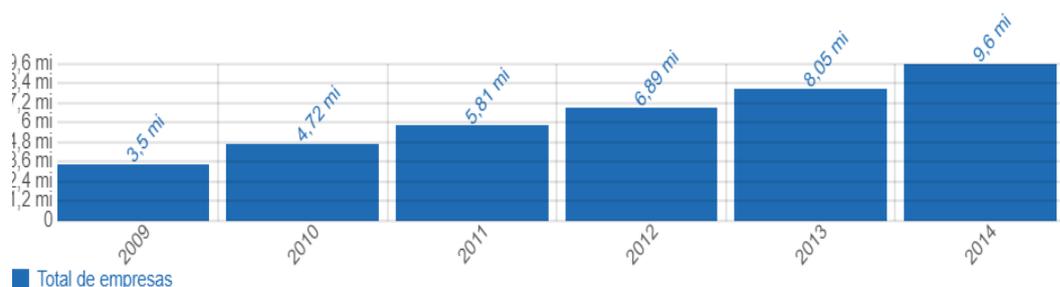
Fonte: Disponível em:

[https://www.google.com/search?q=fonte:+Atlas+Nacional+de+Com%C3%A9rcio+e+Servi%C3%A7os+%E2%80%93+1%C2%AA+Edi%C3%A7%C3%A3o+\(2013\).&sxsrf=ACYBGNQ8-Pa3pm9NZow-en2akJ5OBBFgpw:1574217471989&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=2ahUKEwj8gN6J4fflAhVXFrkGHbYnBFcQ_AUoAXoECAwQAw&biw=1366&bih=625#imgrc=YLt2avXJDLduqM](https://www.google.com/search?q=fonte:+Atlas+Nacional+de+Com%C3%A9rcio+e+Servi%C3%A7os+%E2%80%93+1%C2%AA+Edi%C3%A7%C3%A3o+(2013).&sxsrf=ACYBGNQ8-Pa3pm9NZow-en2akJ5OBBFgpw:1574217471989&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=2ahUKEwj8gN6J4fflAhVXFrkGHbYnBFcQ_AUoAXoECAwQAw&biw=1366&bih=625#imgrc=YLt2avXJDLduqM): Acessado em 07/09/2019.

A quantidade de microempreendedores cadastrados no MEI demonstra a quantidade de profissionais atuantes e, principalmente, como essas construções de embelezamento tem significado na nossa cultura. Estes profissionais são: cabeleireiros,

manicures e pedicures em “atividades de estética e outros serviços de cuidados com a beleza”, como demonstra o próximo gráfico:

Figura 3: Total de Empresas de 2009 a 2014.



Fonte: Disponível em:

http://sistema.datasebrae.com.br/sites/novo_datasebrae/#Empresas/Total_de_empresas/Grafico Acessado em: 07/09/2019.

Nas “atividades de estética e outros serviços de cuidados com a beleza” estão as(os) maquiadoras(es), designers de sobrancelhas, massagistas, depiladoras, entre outras atividades de cuidados ofertados nos salões de beleza.

O que irei analisar são os serviços de cuidados de depilação, uma prática centenária, como veremos nos próximos capítulos. A depilação é realizada profissionalmente por depiladoras: trabalhadoras que estão a serviço dessa cultura, em contato direto com os corpos femininos. Digo depiladoras por ser um trabalho característico de mulheres, com raras exceções pode-se encontrar um homem depilador. Pode-se dizer que a depilação é uma técnica corporal de mulheres aprimorada para mulheres. Não há dúvidas que o mercado absorveu os homens a essa cultura também, mas nesse caso irei me deter somente ao público feminino, que tradicionalmente está mais ligado a essa prática antes mesmo de existir o “mercado”, o sistema capitalista.

Desde já, gostaria de deixar claro que não pretendo direcionar este trabalho para uma crítica capitalista, em que a cultura é mero mecanismo de reprodução de uma sociedade capitalista. Não podemos negar a sua existência, principalmente quando o Brasil é um dos maiores consumidores de cosméticos do mundo. Entretanto, o que busco analisar é a cultura dos serviços de cuidados corporais femininos, como uma

cultura de educação do corpo, que possuem lógicas para além do consumo puro e simples. Ainda que o capitalismo tenha invadido e se apropriado definitivamente desses espaços de beleza, que educação e trabalho tenham uma relação bastante complexa, ainda assim, existem interações sociais e trocas entre seus membros que estão para além do capitalismo.

A cultura da depilação pode estar a serviço do capital sim, mas não somente isso, são muitas complexidades que merecem ser analisadas. Ao que tudo indica, além da depilação feminina hoje está a serviço de um mercado, ela também é uma cultura muito forte manifestada há séculos, desde a idade média, com muitas lógicas próprias. Poderia argumentar que ela está mais relacionada com o produto humano que possui uma técnica, e ao que ela representa para quem é adepto, do que apenas um produto utilizado para realização desta técnica. Ou seja, não interessa somente se a depiladora utiliza os produtos mais caros para fazer uma depilação, se ela não domina a técnica, se ela não for eficaz e não transmitir confiança no que faz, de nada importa a sua mercadoria. Essa técnica presente até hoje em nossa cultura, que constrói e reproduz nas pessoas padrões estéticos e de cuidados, nunca tão desejáveis, eu procurei chamar de construção social do “Corpo Limpo”.

4. UMA BREVE HISTÓRIA DA DEPILAÇÃO

Para pensarmos a depilação do “início”, precisamos voltar muitos séculos na história e correlacionarmos outras questões como, por exemplo, o início da produção do que hoje chamamos de cosméticos, ao qual na Idade Média, já encontravam algumas das primeiras manifestações de interesse pela estética corporal. Buscava-se na natureza, através de ervas e minerais, os ingredientes necessários para manutenção da beleza. Produziam-se medicamentos, unguentos e receitas de alguns cosméticos para preservação da beleza, como também para prevenção de problemas. Dentre algumas destas receitas, estavam a conservação, o tingimento e a tonificação dos cabelos, a maquiagem e os cuidados com a pele do rosto, a prevenção de rugas, de queda de cabelos, dos cílios, das sobrancelhas e a depilação.

Nos escritos documentais sobre a depilação, em específico desse período, século XIII, temos apenas alguns relatos discretos, mas é inegável que, desde aquele tempo, a busca por modificações estéticas e de cuidados com o corpo foi de alguma forma o início para pensarmos a depilação hoje.

Tendo em vista as pesquisas da área, Macedo (1998-1999, p.1), se dedica a desenvolver o que ele chamou de: “[...] estudo das modalidades de utilização do corpo, de seus condicionamentos, de sua codificação e qualificação, de seus perfis construídos historicamente, pode revelar aspectos significativos das formas de sociabilidade do passado”. Trata-se de um manual, bem como está no título de sua pesquisa – Manual de Beleza do Século XIII, o qual o autor chama de *Ornatus Mulierum*, os domínios do conhecimento feminino, traduzido do latim como “Adornar Mulheres”.

Nessa pesquisa, aprendemos como eram realizados diversos cuidados com a aparência naquela época. Vejamos alguns exemplos:

Figura 4: Manual de Beleza do Século XIII

PRESERVAÇÃO/ALTERAÇÃO	PREVENÇÃO
Conservar os cabelos (6)	Contra a caspa (3)
Manter a cor do rosto (1)	Contra a descoloração dos cílios (1)
Para a coloração da pele (8)	Contra a queda das sobrancelhas (5)
Para clarear os dentes(1)	Contra a queda dos cabelos (6)
Para depilação (3)	Contra a queda dos cílios (1)
Para o crescimento dos cabelos (6)	Contra a vermelhidão do rosto (1)
Para tonificar os cabelos (2)	Contra as espinhas (6)
Tingimento (8)	Contra as rugas (3)
	Contra as verrugas (5)
	Contra o ardor provocado pelo sol (1)
	Contra o fedor do nariz (1)
	Contra o herpes (02)
	Contra o <i>morpion</i> (piolho das axilas) (3)
	Contra as sardas (8)
	Para matar os piolhos e lêndeas(1)
	Vermelhidão nas pálpebras (3)

Fonte: MACEDO, 1998-1999, p.9.

Também encontramos nesse artigo as informações sobre como era feita a depilação de cera quente no século XIII:

Les dames de Salerne funt un unguent que eles apelent “silotre” et de ceo ostente peilz et chevouz par tut. Eles pernent chauxz vif u eve ne seit jeté sure, demi escquele, bien net et passé parmi um drap u parmi unc sac et metent le en un plein pot de eve bulliante et movent et, quant eles volent save rs’il est bien quit, metent enz une penne et, si la plume chet de la pene, duc est bien / quit et dunc le metent od lur main tut chaud sur le peil et tardenten veie. Autresi poez faire, mes gardez que le unguent i demure lungement, kar il escorchereit le quir. (HUGHES apud MACEDO, 1998-1999, p.14)³.

Tudo indica que, na localidade de Salerne, a depilação era feita com o “Silotre”, o que hoje chamamos de cera: “[...] mulheres anônimas transmitiam parte substancial dos segredos de sua arte[...]” (MACEDO, 1998-1999, p.6).

Há também “[...] A escola de Salerne foi o núcleo de difusão do pensamento médico de Galeno - autor greco-romano do século II que viria a exercer profunda influência na medicina medieval [...]. “Em Salerne, aprendeu com as mulheres a fazer o unguento chamado silotre, por meio do qual realizavam a depilação” (MACEDO, 1998-1999, p. 5-7).

O período medieval foi muito marcado pelos seus artistas, que buscavam nos seus trabalhos uma harmonia pela forma. Artistas como Leonardo da Vinci, Michelangelo, entre outros, expressaram em suas obras os valores vigentes daquele período.

A beleza de uma sociedade em que a verdade estava centrada na figura de Deus (teocentrismo), muitas vezes, era negada quando vista na figura feminina. Essas questões também são importantes para pensarmos a beleza em um “não lugar” entre os homens e mulheres, pertencente apenas a figura de Deus.

A imagem feminina estava fortemente ligada à imagem de Eva, esposa de Adão, ou seja, em relação ao pecar ou ao fazer o homem cair em tentação. Por isso a preocupação excessiva com a beleza não era aceitável, o apego a coisas mundanas era entendido como defeitos moral e da alma. Então, cuidar da aparência era sinônimo de vaidade, luxúria, bruxaria e todo tipo de misticismo que a sociedade temia, pois, os preceitos cristãos da Igreja perpassavam todas as esferas da vida das pessoas e seu discurso era incontestável:

Nos padrões de conduta definidos e orientados pela Igreja, o corpo e tudo o que a ele estivesse relacionado eram tratados com extrema desconfiança. De acordo com Jacques Le Goff (s.d., p. 59), na Idade Média prevaleceu o juízo de que o invólucro carnal era a prisão da alma. A aversão aumentava quando se tratava de suas capacidades sexuais, consideradas as responsáveis pelo

³ Na tradução livre de um trecho: “As damas de Salermo fizeram unguento que elas chamam de Silotre, elas passam nos pelos e retiram com um pano, o unguento que é cozido num pote até ferver e ficar envolvente, quando está bom experimentam na mão”.

pecado e pela perdição humana. Tal desprezo evidenciava-se claramente na satanização do corpo feminino, de tal maneira que, entre os lugares comuns do pensamento cristão, encontrava-se a ideia segundo a qual, desde Eva até as bruxas, o corpo da mulher era o lugar de eleição do diabo. A insistência obstinada em desqualificar as potencialidades do desejo colocou o corpo feminino em foco (MACEDO 1998-1999, p.2).

Em contrapartida, a fealdade e a disformidade estavam associadas ao demônio, ao castigo, deixando evidente o discurso dicotômico e a forte representação que a Igreja tinha e exercia sobre o controle dos corpos femininos. Visto isso, os cuidados com a aparência não podiam ser manifestados, mas isso não impediu com que as mulheres buscassem recursos e meios para realização de tais desejos:

[...] mulheres que se maquilham e enfeitam outras mulheres, ou então ensinam-lhes a pintar-se, a encontrar ou a imitar todo o gênero de frivolidades, como acontece geralmente entre irmãs, parentes, amigas, vizinhas ou qualquer outro tipo de mulher” (CASAGRANDE apud MACEDO 1998-1999, p.6).

As mulheres secretamente passavam seus segredos e truques de beleza umas para as outras e assim fizeram com que vários cuidados corporais fossem mantidos, aprendidos e transmitidos, adentrando os séculos, culturas e sociedades múltiplas. Elas foram, sobretudo, pioneiras em exercer a cultura dos cuidados corporais e essas construções fazem com que pensemos em constructos de feminilidades. Não quero dizer, com isso, que mulheres adeptas a culturas de cuidados estéticos são mais femininas do que aquelas que não estão interessadas nesse seguimento, mas mostrar que as mulheres se preocupavam com a sua aparência já naquela época e buscavam formas de se sentirem bonitas, mais atraentes, de dominarem seus corpos, de acordo com aquilo que estava a seu alcance, pois não eram livres e seus corpos representavam um perigo para aquele período.

A essa cultura de cuidados corporais e a não aceitação desse controle absoluto sobre seus corpos, mesmo que secretamente, eu chamo de construção de feminilidades. Essa força que as mulheres tinham e exerceram, de buscar e fazer com os seus corpos, mesmo que escondidos, o que fosse/parecessem bons e os achassem bonitos, como no caso, a depilação.

Sendo assim, a construção de feminilidades não é apenas um ato, mas sim uma atitude, que mulheres tiveram em momentos distintos na história:

Assim, na confluência entre a magia e a ciência, entre o saber formal e a tradição popular, entre o conhecimento permitido e a "superstição", o texto do *Ornatus mulierum* permite que se perceba em suas entrelinhas as angústias, convicções íntimas e as convenções partilhadas pelas mulheres de

setecentos anos atrás em relação ao próprio corpo. Além do mais, em suas linhas encontram-se conhecimentos tradicionais relativos à fitoterapia e à botânica - domínios há muito tempo pertencentes ao âmbito da cultura popular, em que as mulheres exerceram papel de primeiro plano (MACEDO 1998-1999, p.170).

Portanto, a cultura da depilação também está entre uma das técnicas de cuidados corporais, manifestação social, estética e cultural e que sofreu modificações à medida que a sociedade se transformou. Para Marcel Mauss (1934): “Cada sociedade tem hábitos que lhe são próprios”. Em sua obra clássica, *“As Técnicas Corporais”*, ele nos fala que é possível fazer uma descrição pura e simples das técnicas do corpo:

O corpo é o primeiro e o mais natural instrumento do homem, o primeiro e mais natural objeto técnico, e ao mesmo tempo meio técnico do homem é seu corpo. De imediato toda a grande categoria daquilo que, em sociologia descritiva eu classificava como “diversos”, desaparece dessa rubrica e assume forma e corpo: sabemos onde encaixá-la. (MAUSS, 1934, p. 217).

São muitos elementos para uma educação do corpo. Mauss (1934) chamou de técnica corporal como os indivíduos em sociedades diferentes usam seus corpos e como o fazem. Ele afirma que algumas técnicas de cuidados corporais são fenômenos sociais diversos e podem ser classificados de acordo com os sexos. Toda técnica tem uma forma aperfeiçoada na nossa época. Portanto, ela é viva e vai mudando conforme a sociedade muda.

Para ele, existem muitas técnicas: do nascimento e da obstetrícia, ou seja, as posições em que as mulheres ficam para o nascimento do bebê, que pode ser deitada, de cócoras, de quatro, na cama, na água, parto normal, cesariana, enfim, são diferentes formas aperfeiçoadas para cada sociedade; Técnicas da infância, que diz respeito à criação, alimentação, às atitudes em relação a essa criança, como ela é alimentada, carregada, onde dorme, sua noção de costume e postura, que são lhe impostas; Técnicas da adolescência, momento em que definitivamente aprenderão as técnicas corporais para a idade adulta; Técnica da fase adulta, do sono, das atividades, de reprodução, de higiene. Enfim, a variação da técnica se dá conforme a idade e o sexo, pois, para ele, existe diferenças na socialização de homens e de mulheres. Mauss (1934) mostra que não há técnica e tampouco transmissão se não há tradição. Portanto, podemos dizer que existe uma tradição da depilação feminina, pois está presente em nossa cultura até hoje, logo, há técnica, assim como transmissão. Por isso, as práticas vivenciadas pelos corpos são entendidas como técnicas corporais.

Como vimos, a busca por transformações estéticas não é apenas característica da sociedade capitalista pós-moderna. No medievo, já se buscavam essas transformações e o principal, sempre esteve fortemente ligada a questões sociais, transformando, modificando as relações entre os indivíduos. Outro exemplo que podemos citar são as sociedades indígenas, as quais também são adeptas a cultura da depilação e podemos ver isso claramente através de seus corpos nus. O texto “Os Kamaiurá das Terras Indígenas do Xingu”, mostra o processo de mudança cultural e como eles entendem a permanência da tradição:

Eu tinha várias listas com esses pedidos e selecionei quatro delas, que se referiam apenas a solicitantes kamaiurá, datadas de 1966, 1968, 1970 e 2003. (...) O objetivo era compará-las e verificar se apresentavam muita variação no decorrer dos anos. As quatro listas consideradas continham 178 itens, que foram classificados por destinação do uso: instrumentos de trabalho (artigos para pesca, roça, trabalhos manuais e tarefas domésticas); embelezamento do corpo (peças de vestuário, adornos e procedimentos estéticos, como depilação e cuidados com os cabelos); novidades (grande variedade de bens que ia de rádios, gravadores de som, CDs, até malas, leque e cachorro) (JUNQUEIRA, 2012. p. 20-22).

Figura 5: Solicitação de presente por tipo e ano.

Tabela 1: Solicitação de presentes por tipo e ano

Destinação do uso	1966	1968	1970	2003	Total
Trabalho	10	7	18	7	42
Adornos	17	7	60	27	111
Novidades		1	15	9	25
Total	27	15	93	43	178

Fonte: (JUNQUEIRA, 2012. p. 22)

Ainda nas palavras da autora, a respeito da cultura Kamaiurá:

Os povos de sociedades não industrializadas se atualizam, tornam-se modernos, mas mantêm-se unidos por força da tradição, que é basicamente composta por mitos e ritos. A tradição permanece, mesmo sofrendo pequenas alterações que eles próprios não contestam (...) Ritos e mitos fazem parte da vida subjetiva kamaiurá, mas o importante papel que desempenham na cultura vincula-se a outras de suas características. Mitos são narrativas que falam de deuses, da origem de heróis e bens culturais. Dão densidade à existência social. Ritos são atos, palavras, gestos ou símbolos tidos como dotados de poderes para produzir resultados desejados. Toda sociedade humana convive tanto com mitos como com ritos (JUNQUEIRA, 2012. p. 28-29).

Como podemos ver, as mudanças culturais acontecem no decorrer da história, mas para algumas sociedades como a dos Kamaiurá, alguns ritos simbólicos

permanecem em sua cultura. Da mesma forma, outras sociedades estão sujeitas a mudanças o tempo todo, porém alguns ritos se modificam de certa forma e não morrem.

No antigo Egito, encontra-se muitos registros de depilação masculina entre atletas, assim como, a depilação feminina. A própria Cleópatra se depilava, o que originou o nome da cera egípcia que conhecemos hoje:

Figura 6: A imagem refere-se à Cleópatra, que faz referência a Cera Egípcia.



Fonte: Disponível em: <https://www.naomaispelo.com.br/historia-da-depilacao-linha-do-tempo-sobre-os-costumes/> Acessado em 06/09/2019.

Figura 7: A imagem refere-se à indígenas brasileiras adeptas a depilação



Fonte: Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/664210645012742754/> Acessado em 06/09/2019.

Nas imagens, temos exemplos de duas culturas totalmente diferentes, mas que igualmente possuem a cultura da depilação.

A partir da década de 20, com a moda e a modificação das roupas, os pelos começam a ficar expostos. Em pesquisa nos sites “Esteticista” e “Cosmotóloga”, Isís Mafra escreve o texto “A História Da Depilação” (2015)⁴. Ao pesquisar o site “Observador”, Catarina Moura traz a discussão “De onde veio esta moda da mulher se depilar”⁵. Ambos mostram a depilação ganhando espaço a partir da Primeira e Segunda Guerra Mundial.

No período da Primeira Guerra Mundial, já eram produzidas lâminas de barbear e acabaram se tornando objeto feminino também. A norma se explica a partir da Segunda Guerra Mundial, que modificou para sempre a vida das mulheres devido a inserção de muitas delas no mercado formal de trabalho. Sabe-se que os homens em diferentes partes do mundo foram para a guerra e alguns não voltaram. Esses, por sinal, eram pais, maridos, irmãos, responsáveis pelo seu sustento e da casa. Com isso, entre outros motivos, as mulheres se viram obrigadas a trabalhar nas fábricas, suprimindo assim, funções antes consideradas masculinas, o que causou um grande impacto social. Por causa do trabalho, suas roupas se modificaram, ficaram mais leves e mais curtas, expondo assim seus corpos. Os vestidos atrapalhavam o movimento dos braços, portanto, perderam as mangas, logo suas axilas ficaram expostas assim como parte das pernas, pois o calor nas fabricas era insuportável.

Um aspecto que merece destaque é que naquela época os pelos femininos eram erotizados pelos homens e mostrá-los, mesmo que nesse contexto, era visto como uma provocação erótica. Assim, as mulheres não podiam mostrar seus pelos, pois isso chamava muita atenção de homens e da própria sociedade. Com isso, as mulheres foram aconselhadas a retirar seus pelos, gostando ou não, para não “provocar” os homens. E as mulheres “de família”, que não podiam “ficar faladas” aderiram rapidamente à depilação.

[..] com a inserção da mulher no mercado de trabalho, tudo mudou. As tarefas nas fábricas exigiam movimentos com os braços e, por isso, os vestidos perderam as mangas. Deixar os pelos das axilas, esses elementos tão erotizados, à mostra seria então uma indecência sem tamanho. Portanto, a

⁴ Disponível em: <http://www.isismafra.com/2015/12/historia-da-depilacao-epilacao.html> Acessado em 29/09/2019.

⁵ Disponível em: <https://observador.pt/2015/06/23/veio-esta-moda-da-mulher-depilar/> Acessado em 29/09/2019.

remoção deles começou a ser aconselhada às moças “de família”, primeiro nos Estados Unidos e, depois, em outras partes do mundo. (MAFRA, 2015)⁶.

Há muito tempo, os pelos e o seu odor foram motivo de erotismo para os homens. Há escritos que o próprio Napoleão Bonaparte pediu a sua mulher Josefina, que não se banhasse, pois em alguns dias estaria em casa. No entanto, o que passa a vigorar nessa nova sociedade moderna é que as mulheres consideradas “descendentes” e “de família” se depilavam e as que não se depilavam se mostravam de forma provocativa para os homens, ou seja, a depilação passa a ser uma regra social imposta às mulheres. O artigo de Januária Cristina Alves “O Lado Feminino Do Brasil Colonial: A Vida Das Mulheres No Século XVI”, da revista Super Interessante (1994), também nos traz algumas ideias sobre como as mulheres tiveram seus corpos politizados no Brasil:

Queriam “colocar a casa em ordem”, e logo perceberam que uma forma de fazer isso era instituir o casamento à europeia. A partir daí, a Igreja e o Estado passaram a remodelar o papel da mulher naquela sociedade, tentando convencer a população das vantagens do casamento. Mas começaram instituindo proibições de todos os tipos, determinando o que era “certo” e o que era “errado” para uma “mulher direita”. Um recurso bem prático, usado então, eram as altas multas que o Estado cobrava pelos concubinatos, em contraposição ao baixo preço dos casamentos celebrados pela Igreja. (ALVES, 1994).

O clima do nosso país também contribuiu bastante para que a depilação fosse aceita. Vejamos alguns anúncios de serviços de depilação no Brasil que circulavam nas revistas em 1915:

Figura 8: Anúncios de depilação nas revistas brasileiras.



Fonte: Disponível em: <http://www.isismafra.com/2015/12/historia-da-depilacao-epilacao.html> Acessado em: 09/09/2019.

⁶ Disponível em: <http://www.isismafra.com/2015/12/historia-da-depilacao-epilacao.html> Acessado em 29/09/2019.

Isso fez com que a depilação se tornasse um trabalho especializado e direcionado às mulheres. O corpo da mulher passou a ser politizado, não sendo mais uma questão só de estética ou de higiene. Nos movimentos feministas da década de 60 e 70, muitas mulheres começam a se recusar a depilação e acreditam que o corpo sem pelos é uma invenção dolorosa, antinatural para exercer pressão sobre a mulher.

Em 1978, Patti Smith posou na capa de seu *Álbum Easter*, mostrando as axilas por depilar em apoio às mulheres. O movimento *Hippie* dos anos 60 também pregou a liberdade total e reforçou algumas das ideias que as feministas reivindicavam. Com seu estilo largado, chamavam a atenção da sociedade para uma visão mais crítica ao capitalismo e seus ditames.

É claro que isso não fez com que todas as mulheres aderissem a esses movimentos, até mesmo as *hippies* e as feministas. Portanto, se antes, na Idade Média, as mulheres se depilavam secretamente porque elas não tinham liberdade e sofriam grande repressão, na modernidade, com seus corpos mais expostos, elas são obrigadas; a depilação virou norma entre moças de família. Essa nova sociedade capitalista industrial que as mulheres foram inseridas no contexto mercado de trabalho, já possui controle de seus corpos, uma vez que é “feio e provocativo” mostrar os pelos femininos.

Mas, com o advento do feminismo, as mulheres se sentem livres para dizer não às normas sociais que historicamente lhes oprimiram. Como vimos, as mulheres manifestaram seu repúdio às normas que lhes reprimiam, lutaram por seus direitos e conquistaram alguns deles. O voto, por exemplo, foi uma de suas maiores conquistas nessa década e o movimento feminista foi fundamental para isso. Mas ainda que essa norma da depilação fosse rejeitada por muitas mulheres, ela já era uma cultura de cuidados, já possuía uma história e tradição. Ainda que aparentemente discreta para algumas culturas, em todo caso, como mostram algumas pesquisas, as mulheres já gostavam de se depilar e não deixaram de fazê-la.

A partir dos anos 80, a moda modifica tamanhos de biquínis, agora mais cavados e possíveis de mostrar ainda mais os pelos. A depilação na região íntima torna-se necessária e passa a ser considerada por um novo conceito, mais valorizada como um método de higiene do que beleza, pois os pelos são vistos como algo sujo e deixá-los no corpo torna-se sinônimo de desleixo com a aparência. Hoje, a depilação continua sendo um hábito de higiene, mas também é um hábito de cuidados pessoais e de beleza, carregada de simbologia, de uma construção de corpo feminino. As mulheres, adeptas

dessa cultura, buscam na depilação a construção de suas feminilidades, sensações de bem-estar e limpeza.

4.1. TIPOS DE DEPILAÇÃO

Antes de falarmos dos tipos de depilação, eu gostaria de explicar dois termos muito parecidos, porém bem diferentes. Os termos Depilação versus Epilação. Vejamos a explicação segundo site Mundofisio:

A remoção de pelos pode ser realizada por dois modos: A Epilação e a Depilação. Epilação é quando ocorre a remoção por extração dos pelos inteiros incluindo as porções abaixo da pele, como parte do bulbo piloso. Ex: pinças, ceras, aparelhos elétricos que arrancam os pelos, laser, luz intensa pulsada e eletrólise. Depilação é a remoção de pelos rente a superfície da pele, não sendo atingido porções internas dos folículos pilosos (Instituto Mundo Físio, 2010)⁷.

Ou seja, existem estes dois termos “Depilação” e “Epilação”, mas o mais conhecido é a Depilação. A depilação pode ser classificada de duas formas: a Depilação Caseira (Não profissional) e a Depilação Profissional. Nos próximos tópicos, discorrei sobre alguns dos métodos conhecidos e mais utilizados pelas mulheres.

4.1.1. Métodos de Depilação Caseira

É a forma pela qual as mulheres se depilam, em sua casa ou no seu local íntimo de convívio. Pode ser realizada por ela mesma, ou por alguém da família, (mãe, tia, irmã, prima, ou por uma amiga de escola, sempre por uma figura feminina), através de seu aprendizado pela observação de alguém que ela viu se depilar, ou viu depilada, de alguém que mostrou como fazer e que produtos usar, ou por algum meio de aprendizado na internet, revistas e propagandas de televisão. Ou seja, não há presença de uma profissional, mas isso não impede que ela tenha vontade de se depilar e execute essa função com sucesso.

Existem aquelas que vão querer aprender a fazer a cera caseira de depilação para se depilar em casa e assim farão nelas mesmas, nas amigas, mas isso já exige um mínimo de técnica e experiência, pois há riscos quanto aos tipos de ingredientes usados na receita, temperatura adequada da cera e técnica para arrancar os pelos. A receita de

⁷ Instituto Mundo Físio. Diferença entre Depilação e Epilação. Disponível em: <https://www.mundofisio.com/noticias/42-diferenca-entre-depilaca> Acessado em: 02/09/2019.

cera caseira leva limão na composição e isso acaba assustando um pouco, visto que o limão é um ácido que pode causar manchas e queimaduras na pele. Por isso, a cera caseira é um pouco temida, mas muito admirada por quem faz sua própria depilação com ela.

4.1.2. Métodos de Depilação Caseira mais Recorrentes

Um dos métodos de depilação caseira mais comum é a “raspagem”, utilizando lâmina, navalha, creme ou aparelho depilatório. Essa é uma técnica muito antiga já realizada pelos índios há mais de um século. Os índios raspavam os pelos do corpo e da cabeça utilizando a escama do *Peixe Lixa*.

Na modernidade, as lâminas de barbear se tornaram um acessório feminino e, até hoje, grande parte das mulheres se depilam ou já se depilaram com elas. A lâmina, mais conhecida como “*Gillette*”, uma marca tradicional e famosa de lâminas, não causa nenhuma dor no ato da depilação, mas em contrapartida, segundo relatos das próprias clientes entrevistadas, pode causar alergia, coceira e o risco de causar ferimentos na pele em regiões mais delicadas. Por isso, além da depilação não ter durabilidade, essa técnica requer uma atenção maior nas regiões íntimas.

É também considerado um objeto pouco higiênico, pois como pode ser facilmente compartilhada com demais pessoas, pode transmitir bactérias que causam irritações na pele. Visto que ela está geralmente guardada no box do banheiro e a depilação com ela é realizada na hora do banho, se compartilhado o banheiro, há risco de alguém usar sem avisar. O resultado é rápido e eficaz, porém, além dos aspectos citados, os pelos, quando crescem, nascem mais grossos do que se comparado com a depilação com cera.

O creme depilatório, por sua vez, possui um baixo custo, encontrado em farmácias, supermercados, não oferece dor, porém a sua química é bastante forte, o que faz com que os pelos se quebrem rente à pele. Aparentemente é de fácil aplicação e não necessita de técnica, ainda assim é necessário cuidado quanto ao tempo de uso sobre a pele. Se usado de forma incorreta, pode causar queimaduras e manchas na pele. Sua duração é igual à da depilação com lâmina. O aparelho depilatório é dito como muito dolorido por algumas, além de não arrancar os pelos de maneira uniforme, fazendo com que a depilação não seja completa. Há, porém, mulheres que já se acostumaram a esse método e não sentem tanta dor em algumas regiões como as axilas, por exemplo. A

respeito disso, três entrevistadas da pesquisa mencionam os métodos que utilizam. As respostas dizem respeito as perguntas sobre as formas de depilação que já tinham experimentado e o que achavam delas:

[...] Creme depilatório eu também utilizei no buço, eu mesma apliquei, não tive uma experiência boa, me trouxe ardência, cheiro forte, ficou marcado meu buço, por talvez ter deixado uns minutinhos a mais do tempo limite (Entrevistada 4).

[...] eu acho que a que dá os melhores resultados é a cera, das que eu fiz pelo menos e pro rosto é a linha pra fazer sobrancelha e tal; mas agora eu ocupo mais a gilete praticamente porque é mais rápido, eu não tenho tempo de ir até alguém que faça com cera e também é mais barato é mais em conta eu comprar uma gilete do que pagar pra me depilar toda hora. (Entrevistada 1).

[...] ah com gilete eu gosto porque não tem dor nenhuma mas eu não gosto do quão grosso o pelo fica, né, tanto na axila, na virilha, na perna, fica muito grosso, no dia seguinte já está áspero, eu não gosto do resultado mas eu gosto porque não dói. (Entrevistada 2).

4.1.3. Métodos de Depilação Profissional

A pinça, a cera e a linha são as mais utilizadas para a realização da depilação das sobrancelhas, buço e rosto, sendo a linha praticamente inviável para o restante do corpo, pois é considerada bastante dolorida. A pinça, por mais que qualquer pessoa possa ter uma em casa e fazer a sua depilação caseira com ela, ao tratar-se de sobrancelhas é um pouco mais difícil. Pois, para fazer o design de sobrancelhas, mesmo que seja com pinça, linha ou cera, é necessária alguma noção de desenho geométrico do rosto, o que a profissional Designer tem, a partir de cursos especializados. Sempre há quem se atreva a fazer as sobrancelhas de modo caseiro, mas essas mulheres, em geral, são aquelas que procuram as profissionais para corrigir os seus erros depois.

A depilação que promete remoção completa, com durabilidade e afinamento progressivo dos pelos é a depilação com cera quente de panela ou método Espanhol. É muito procurada aqui em Santa Maria por sua fama de ser o melhor método de depilação. Mas, ela tem certos custos e desafios como medo da dor, dor, vergonha de despir-se frente a uma desconhecida, enfim, são algumas das características desagradáveis desse tipo de depilação. Sobre isso, comenta a entrevistada 2:

[...] A cera, por exemplo, eu gosto do resultado e inclusive eu depilo só a virilha com cera e eu gosto do resultado, porque não fica aquele aspecto áspero, fica liso e eu não gosto porque dói muito. Eu sofro muito com a dor mas mesmo assim eu aguento né rrsrrsrs. [...] já faço sempre com cera quente

que eu acho que dura mais, o pelo vem fininho, diminui o pelo”.
(Entrevistada 2).

É impossível negar o quanto a depilação ganhou mercado no Brasil. Isso abriu um leque de possibilidades para as mulheres, desde as que não podiam pagar muito caro até as mais exigentes quando à questão é “livrar-se dos pelinhos”. Com isso, demandas diferentes trouxeram formação de profissionais diferentes. Até então, as depilações profissionais sempre foram realizadas por técnicas chamadas de “Depiladoras” que trabalham na área da beleza/estética. Geralmente, fizeram cursos técnicos na área ou adquiriram o conhecimento com outra profissional, mas não necessariamente são formadas na graduação de Cosmetologia/ Estética. Até porque esse curso de graduação é bastante novo em Santa Maria e apenas uma instituição de ensino superior particular oferta: A Universidade Luterana do Brasil- ULBRA.

Existe também a depilação a laser, a qual, em Santa Maria, é realizada por profissionais que muitas vezes tem outra graduação, as depiladoras dessas clínicas são fisioterapeutas, ou seja, possuem formação superior na área da saúde. Isso demonstra o quanto o mercado está competitivo e o quanto a área da tecnologia está se desenvolvendo para atrair ainda mais esse público, não só feminino, como masculino.

A depilação a laser é um método que promete resultados de afinamento dos pelos, maior durabilidade da depilação e remoção completa dos pelos, porém, algumas clientes relataram que após o término de dez sessões que são exigidas para que o tratamento seja completo e eficaz, os pelos voltaram. Por isso, mesmo após o término do tratamento, é necessário fazer uma manutenção anual para que os pelos não retornem. Além disso, o método dispõe de algumas restrições. Segue abaixo a explicação encontrada no site Espaço Laser Depilação, um dos locais que realiza o procedimento na cidade:

Sim, há restrições como: Pessoas com fototipo alto (peles escuras), pois o raio laser funciona sendo atraído pela alta concentração de melanina; Pacientes bronzeados; Gestantes; Pacientes que fazem uso de Roacutan; Paciente com herpes ativa; Paciente que faça uso de algum tipo de ácido na região a ser tratada (parar alguns dias pré e pós sessão). Não eficaz para pelos claros e finos. (Espaço Laser Depilação, 2019)⁸

Os valores cobrados por método variam de uma clínica para outra. Em Santa Maria, na clínica de depilação *Espaço Laser*, o valor cobrado segundo informações do site, na região íntima, virilha completa, custa em média R\$ 2688,00.

⁸ Disponível em: <https://www.espacolaser.com.br/> Acesso em: 30 de setembro de 2019.

Portanto, quem não dispõe desse valor para pagar a depilação a laser ou possui alguma restrição que impeça a depilação como, por exemplo, ter a pele escura, acaba buscando outros métodos.

Contudo, mesmo com tantas possibilidades, a depilação continua sendo realizada frequentemente de forma caseira, por pessoas que desejam depilar-se sem a supervisão de uma profissional, por depiladoras profissionais técnicas em salão de beleza ou em atendimentos domiciliares, assim como, mais recentemente, em clínicas de depilação a laser.

Segue abaixo um quadro ilustrativo com as formas de depilação citadas anteriormente:

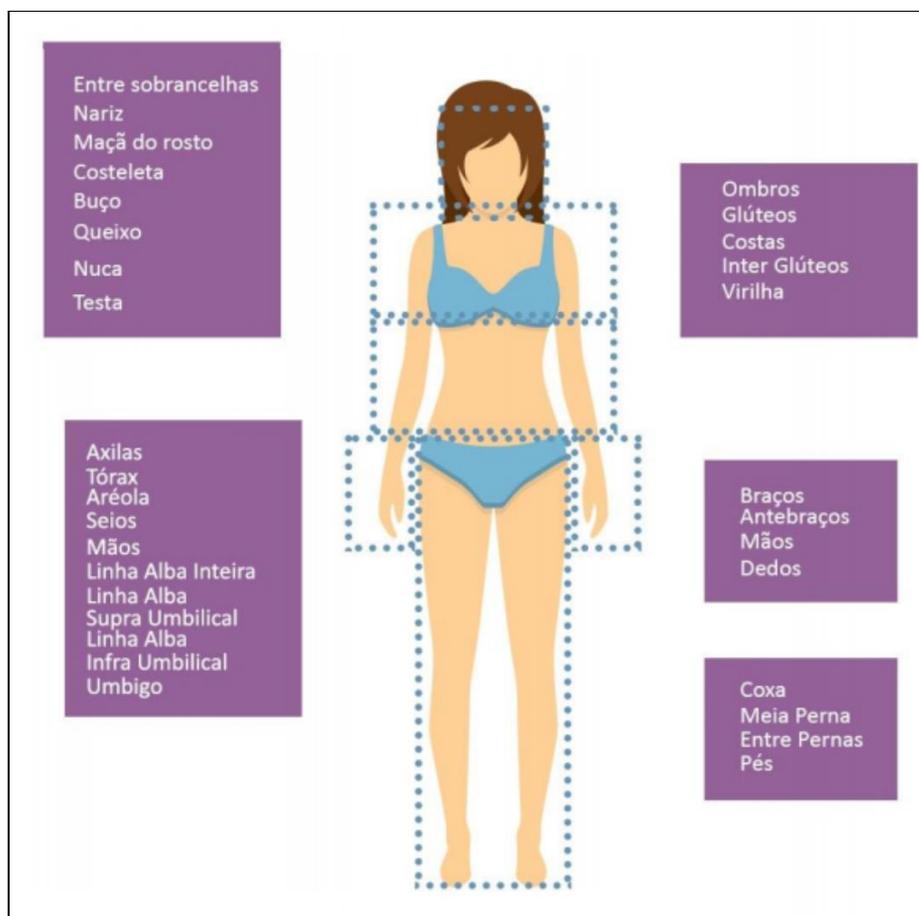
Quadro 1 - Quadro Explicativo dos Métodos de Depilação

MÉTODO	PARTES DO CORPO	NÍVEL DE DOR	CUSTO/ CLIENTE
CERA QUENTE/ ESPANHOL	Todas	Médio a Alta	Médio
CERA FRIA	Pernas, costas, peito, buço	Alta	Baixo a Médio
LÂMINA/ CORTE	Todas	Nenhum	Baixo
CREME DEPILATÓRIO	Todas	Nenhum	Baixo
APARELHO ELÉTRICO	Todas	Baixo a Médio	Médio
LASER	Existem restrições quanto a cor dos pelo e as condições de saúde da(o) cliente;	Médio a Alta	Alto
PINÇA	Todas	Alta	Baixo
LINHA	Rosto, axilas	Alta	Baixo a Médio

Fonte: Quadro realizado pela autora.

Vejamos agora as partes do corpo da mulher que são ou podem ser depiladas:

Figura 9: Partes do corpo feminino possíveis de serem depiladas



Fonte: Disponível em:

https://www.google.com/search?biw=1366&bih=625&tbm=isch&sxsr=ACYBGNRYVxFHjkX87EZO09xdB_j0xpyNzA%3A1574199237659&sa=1&ei=xV_UXf_2J8HZ5OUPrr6amAc&q=partes+do+corpo+que+se+depila&oq=partes&gs_l=img.1.0.35i3912j018.31100.34585..36027...1.0..4.429.3343.0j1j5j3j2.....0....1..gws-wiz-img.....10..35i362i39.8rzIqYD9jAA Acessado em: 09/09/2019.

4.1.4. DEPILAÇÃO À BRASILEIRA

A procura por depilação vem crescendo e cada vez mais cedo a depilação tem sido introduzida na vida das mulheres. Hoje, meninas de dez anos estão se depilando, acompanhadas de suas mães. Elas começam depilando axilas, buço e, assim, conforme vão crescendo, a depilação vai aumentando e ganhando lugares diferentes. Com isso, a depiladora torna-se uma peça fundamental para entendermos essas construções, visto que atende e se relaciona com públicos variados, sendo constante na vida de muitas mulheres, como veremos em relatos das clientes de depilação entrevistadas.

[...]A minha primeira depilação eu acho que eu tinha uns doze (12) ou treze (13) anos por aí e foi em casa com aqueles creme que tu passa e depois tira com um pano úmido sabe. Eu achava minhas perna horrível porque era muito peluda e acho que era por isso. (Entrevistada 1).

[...]A minha primeira depilação foi com onze anos, o método utilizado foi a lâmina, eu mesma que fiz o procedimento tá, e eu fui incentivada por uma prima que estava junto comigo, nós estávamos tomando banho e tivemos a ideia então de passar a lâmina e nós duas fizemos a depilação, cada uma fez em si mesmo. (Entrevistada 4).

[...]Eu tinha uns dez anos de idade, foi com lâmina no banho e escondido da minha mãe. Eu mesma me depilei porque tinha muitos pelos nas pernas (canelas) era preto e aparecia muito quando usava roupas curtas. Eu ficava com muita vergonha de mostrar os pelos, principalmente quando tinha educação física na escola e os meninos zombavam da gente. (Entrevistada 7).

No livro *Tabu do Corpo*, de Rodrigues (2007), trata sobre uma construção social e da revolução do corpo que vivemos atualmente: práticas de musculação, magreza obrigatória, cortes de cabelo, tatuagens, pinturas. Esses seriam exemplos dessa revolução e ao mesmo tempo, fabricação do corpo. Logo, a depilação também estaria dentro dessa revolução, pois mesmo sendo o corpo um sistema biológico, ele é afetado socialmente pelos nossos hábitos e costumes, o que me remete a pensar os espaços de beleza também como próprios dessa construção. Valores relativos à beleza, saúde, higiene, lazer, alimentação, e atividades físicas orientam um conjunto de comportamentos na sociedade e criam um novo estilo de vida, mais livre, narcisista e hedonista.

[...]Cada sociedade imprime no corpo físico transformações pelas quais o cultural se inscreve e grava sobre o biológico, arranhando, perfurando, queimando a pele. O estudo da maneira pela qual cada sociedade pressiona os seus indivíduos a fazerem determinados usos de seus corpos, e a se comunicarem com eles de maneiras particulares, abre novas perspectivas para o estudo da integração social, uma vez que, por meio dessa pressão, a marca

da estrutura social imprime-se sobre a própria estrutura somática individual, deforma a fazer do psíquico, do físico e do coletivo um amálgama único que somente a abstração pode separar”.(RODRIGUES, 2007. p.47).

Objeto de uma cultura que grava os seus signos, o corpo e seus usos fazem dos cuidados de beleza uma de suas necessidades. A sensação de se sentir bem, estar em lugares ou com outras pessoas, feliz, completo e limpo são algumas de suas exigências. Segundo Rodrigues, é preciso expulsar a sujeira que também está ligada a intimidade física e pessoal.

A oposição entre público e privado sempre está presente. É preciso considerar a impressão que se causa aos outros, quando se exhibe a intimidade: toma-se banho para ser consultado por um médico, para se encontrar com uma mulher... A aproximação do íntimo é a aproximação de uma Natureza que deve ser culturalizada, para se preservar o status, a imagem, a representação social, o prestígio”. (RODRIGUES, 2007. p. 119).

A depilação está muito ligada ao íntimo, tanto que a procura está sempre muito atrelada a intimidade das pessoas. Uma mulher depila a sua região íntima, por exemplo, para ir ao ginecologista, para fazer sexo, para ganhar filhos, fazer uma cirurgia, para ir à praia. Nessa situação, ela se sente limpa, higienizada e, conseqüentemente, se considera bonita. Existem muitos fatores que influenciam mulheres a se depilarem, porém, pelo que pude observar, a educação é o maior deles.

Diante das declarações das mulheres entrevistadas, os desejos e as prioridades são diferentes conforme o tempo. Mesmo que a construção do sentido possa ser resultado de ação de indivíduos que procuram significar o mundo através da ótica do outro, precisamos analisar uma tradição, um discurso e uma técnica entre mulheres que pode estar relacionado à uma outra construção, dos sentidos como, por exemplo, a construção das feminilidades que reafirmam a noção de gênero, como também uma construção do que é limpo, higiênico e por tanto belo.

[...] Eu acho estranho, aí uma mulher que não se depila? É estranho uma mulher não se depilar porque ela é mulher! É menos feminino tu ver uma mulher não depilada, é nojento! É o que eu sinto. Quando eu ouço uma mulher que diz: Ai eu deixo só um pouquinho de pelo na virilha, eu penso: Meus deus coitado do marido, mas daí é de cada um né? Mas é o que eu penso. (Entrevistada 3).

[...] parece que alguns pelos de algumas partes do corpo não deveriam estar grandes ou não deveriam estar expostos no corpo de uma mulher, especialmente nas pernas, axilas e buços, porque parece que ela está com a aparência de suja. (Entrevistada 4).

[...] Pelo pra mim é sinônimo de masculinidade. Eu acho que os homens preferem mulheres que se depilam, que se cuidam, não que precise tirar tudo mas pelo menos aparar um pouquinho né kkkkkk. (Entrevistada 8).

A depilação *à brasileira* consiste em um tipo de depilação na região íntima da mulher. Por possuir uma tradição no nosso país e ser reconhecida mundialmente, a depilação íntima, “*à brasileira*”, é a marca da depilação brasileira. Muitas mulheres brasileiras gostam e são adeptas desse tipo de depilação. A depilação íntima pode ser “bem cavada”, aquela que deixa os pelos apenas na região perto do clitóris ou dos grandes lábios, ou a depilação pode ser total, que consiste na retirada de todos os pelos, isso inclui virilhas, grandes lábios, púbis, ânus e nádegas. De todo modo, é uma depilação que retira todos os pelos dessa região, deixando totalmente exposta a genitália feminina. Nisso consiste a depilação “*à brasileira*”.

Para algumas mulheres, isso parece ser algo terrível, pode até dar uma conotação de infantilização do corpo da mulher, visto que meninas não possuem pelos pubianos, porém, não houve argumentação suficiente ao longo da pesquisa para uma reflexão mais aprofundada. A única justificativa para esse argumento foi: “Vagina sem pelos é só a das meninhas. É isso que nos diferenciam das crianças. Mulher tem pelos pubianos”. Nesse sentido, os corpos femininos são carregados de discursos que são expressos por meio deles mesmos. De qualquer forma, muitas mulheres não se veem mais deixando os pelos crescerem novamente nessa região.

Também é relevante observar como essa depilação *à brasileira* é feita. À cera, por exemplo, é muito temida por causa da dor, mas a depilação “*à brasileira*” pode ser realizada por outros métodos também, como o creme ou a lâmina que não oferecem dor. O problema é a consequência de se depilar com creme/lâmina ou com cera. Os resultados são muito diferentes. Segundo os relatos das entrevistadas, a cera proporciona uma maior durabilidade da depilação e o afinamento progressivo dos pelos, enquanto a lâmina causa alergias, coceiras, aumento da espessura dos pelos e uma durabilidade de dois a três dias no máximo, o que faz com que a depilação seja mais frequente.

[...] A gilete ela é mais prática, menos dolorida, não dói né, tu tá com pressa ali, passa a gilete e deu, mas ao mesmo tempo ela é ruim porque no outro dia o pelo já tá coçando ali, cresce muito rápido e aquilo incomoda. (Entrevistada 3).

[...]Eu já pensei sim em parar de depilar a virilha por ter muita dor na hora da depilação, porem como a depilação vem se atualizando, a cada dia surge novos produtos e novas técnicas que deixam a depilação mais confortável eu acabei desistindo dessa possibilidade de não me depilar mais pois o benefício é maior do que o ônus. (Entrevistada 4).

[...] Cera fria horrível, cera quente suportável, lâmina dá coceira, creme depilatório mancha a pele, linha e aparelho doem muiiiito, horrível, não gostei, laser adorei, pinça na sobrancelha é suportável quando a profissional é boa.

(Entrevistada 8).

De qualquer forma, observei ao longo da minha prática profissional e em conversas com outras depiladoras que a depilação “à brasileira” é a mais pedida entre as mulheres que se depilam. É um estilo de depilação muito conhecida em outros países inclusive. Vejamos o relato de uma das entrevistadas que morou fora do Brasil.

[...] a região íntima total eu faço com uma profissional a cada trinta dias ou a cada vinte dias. Eu não me depilo mais ou menos em uma estação do ano, eu me depilo com a mesma frequência o ano todo, é sempre o mesmo procedimento. (Entrevistada 4).

[...] Eu morei na Irlanda em Dublin por dois anos. No meu primeiro ano, depois de uns seis, sete meses mais ou menos, uma amiga minha brasileira me falou de uma depiladora de sobrancelha, na verdade eu procurei a sobrancelha primeiro e aí eu procurei ela, era uma depiladora brasileira que atendia em casa e aí eu tirei a sobrancelha, fazia tempo que eu queria ...é...ela pintou também com henna, aí ela ofereceu o serviço de depilação e eu não depilava a muitos anos a depilação de virilha, tinha sido no Brasil as primeiras experiências, não tinha gostado, porque era com mel, aí ela me mostrou essa técnica que puxa tudo com a cerinha né, então eu achei legal, achei interessante e testei e gostei e aí a partir de então comecei a fazer todo mês... uma brasileira com a técnica essa de depilar tudo que lá na Irlanda eles chamam de Brazilianwax, que é depilação à brasileira. Então, nos lugares de centro de estética lá eu nunca fui, eu ia na casa dela, eu fui direto nessa brasileira, eu nunca fui mas eu via propaganda com “Brazilianwax”, mas em um ou outro caso eu vi. Eu perguntei pra essa brasileira depiladora se ela tinha muitas irlandesas, ela me disse que tinha uma ou outra porque elas não gostavam e não aguentavam a dor, então ela disse que as irlandesas não curtiam muito essa depilação em função da dor e inclusive pelo que eu sei, pelo que eu conversei com os meninos, os guris que ficavam com as gurias rrsrrsrrsrs eles me diziam que elas não costumavam depilar muito não rrsrrsrrsrs, acho que no máximo aquela depilação mais cavada em termos de virilha né. Então não é popular na Irlanda, eu acho que é visto como uma depilação diferente e os preços eram, não sei... eu acho que eram preços acessíveis, eu sei que eram preços mais baratos do que nos centros de estética né, porque era na casa dela, mais caseiro assim, com produtos muitos bons, mas eu não me lembro agora dos preços, então era mais acessível (Entrevistada 2).

O seriado *Sex and The City* (HBO 1998-2004), muito assistido por mulheres, aborda vários temas atuais, entre eles os relacionamentos. O seriado conta a história de quatro amigas solteiras, independentes, com mais de 30 anos na cidade de Nova Iorque. Na terceira temporada, no episódio 14, à beira da piscina, começam a falar sobre a depilação brasileira. Carrie diz que fez a depilação brasileira, a famosa Brazilianwax, que é um tipo de depilação na virilha. Ela diz sentir-se nua, um sexo ambulante, já que está com tudo exposto depois da depilação: “[...] ela levou tudo o que eu tinha”.

Samantha chega a afirmar: “Os brasileiros nos levam a fazer coisas loucas. Cuidado com os convites para o Brasil”.

Portanto, temos aqui uma demonstração da depilação brasileira causando certo tipo de espanto às mulheres de outra cultura, uma certa ousadia, loucura, quem sabe. O certo é que para nós mulheres brasileiras e adeptas é algo normal e necessário! Não negamos o sofrimento, mas isso também tem uma explicação. David Le Breton, em sua obra “A Antropologia da Dor”, busca analisar a dor como algo construído e investido de significações pessoais, culturais e sociais. A importância que eu dou para minha dor vai ter um significado real sobre mim.

[...]A atitude em relação à dor nunca é petrificada, é em potência, provável, mas não garantida. Às vezes, essa atitude revela resistências insuspeitas das ou, ao contrário, fragilidades inesperadas, mas passa também pela modulação própria às situações particulares. A anatomia e a fisiologia são insuficientes para explicar essas variações sociais, culturais, pessoais e até mesmo contextuais. A relação íntima com a dor A depende da significação que ela reveste no momento em que afeta o indivíduo. Sentindo seu tormento, ele não é o receptáculo passivo de um órgão especializado que obedece a modulações impessoais de tipo fisiológico. A maneira como o homem se apropria de sua cultura, seus valores e o estilo de sua relação com o mundo compõem uma trama decisiva de sua apreensão (LE BRETON, 2013, p.13).

Sentir dor é sofrer, é infelicidade, é paralisante. No entanto, a dor da depilação é uma dor concedida, uma tortura como algumas entrevistadas relataram. Contudo, no final das contas, elas dizem: “Nem doeu tanto assim, era mais é medo” ou “Que alívio, agora estou limpa!”. Então, como explicar isso, essa dor insuportável e tão temida na iniciação da depilação, que vai diminuindo aos poucos a ponto de não existir mais, porque as mulheres não pararam de se depilar. O que pude analisar é que existe um aprendizado nessa prática de suportar a dor e esse investimento em suportar vai aumentando conforme a depilação vai sendo mais constante. Como se houvesse um investimento em acostumar-se com a dor, a ponto de não ser mais tão insuportável assim.

Também existe um cálculo que as clientes fazem, de custo versus benefício. Ou seja, dói, mas o resultado compensa. A questão de arrancar vários pelos de uma só vez também é uma justificativa. Dói, mas é uma vez só. É claro que a depiladora se utiliza de algumas técnicas que podem auxiliar neste momento, vejamos: se tratando especificamente da técnica de depilação com cera quente, que é a técnica citada aqui, quando se trata da virilha, por exemplo, uma das regiões mais temidas, pois é um local delicado e os pelos são em sua maioria mais resistentes e espessos, é claro que irá doer.

Além disso, geralmente a depilação desejada é a *depilação “à brasileira”*, que retira todos da região da vagina, mais uma razão para temer, o sofrimento é certo. Porém, as mulheres fazem e não se arrependem.

Como explicar isso? Em conversa com uma depiladora que também foi entrevistada nessa pesquisa e pela minha própria experiência, podemos concluir que existem técnicas que ajudam a amenizar a dor sentida na depilação, um modo de fazer ser menos doído e traumático, e isso é um grande cartão de visitas para uma depiladora. Como pode uma depiladora me depilar e eu não sentir dor? “Só se ela for muito boa...” E essa afirmação faz com que outras mulheres procurem e também testem essa experiência.

Bom, em primeiro lugar o local de trabalho precisa transmitir segurança. Um local limpo, bem organizado, climatizado, talvez uma música ambiente, aromaterapia, uma boa apresentação social, com roupas limpas, máscara, luvas, etc. Todo esse conjunto de medidas é um grande passo para transmitir confiança, tranquilidade e, conseqüentemente, relaxamento à cliente.

No entanto, isso é apenas o começo. Quando a cliente vem pela primeira vez fazer a sua depilação, a depiladora precisa conversar com ela, deixá-la confortável, diminuir qualquer risco de constrangimento, visto que a sua cliente ficará nua diante de uma estranha. À primeira vista, a cliente fica um pouco tensa, envergonhada. Quando vai se despir, geralmente a depiladora vira-se de costas para pegar algum material, agindo normalmente para não deixá-la constrangida, afinal, mulher nua é o que uma depiladora mais vê. Já deitada na maca, geralmente a depiladora puxa uma conversa paralela, como se não estivessem ali, fazendo aquilo.

A cliente responde todas as perguntas da depiladora olhando para o teto, pois é muito cedo para olhar cara a cara para alguém que você não conhece que está vendo e manipulando, de algum modo, partes tão íntimas do seu corpo, como vagina, anus e nádegas. É compreensível. Mesmo assim, uma depiladora experiente nunca olha diretamente para as partes íntimas de suas clientes e jamais faz algum tipo de comentário sobre elas. Ela olha para o pelo, e faz tudo de modo muito delicado e rápido. Ao conversar com a cliente, a depiladora busca retirar a atenção intensamente daquele momento, ela tenta não investir tensão para aquela situação e faz a cliente sair daquele momento conversando com ela sobre várias outras coisas, o que a distrai da dor. Além disso, ela faz de forma rápida, eficaz, ao ponto da cliente dizer: “Já acabou? Eu nem

senti nada!”. Essa técnica é muito valiosa e faz todo sentido quando entendemos essa dor como transitória e banal em comparação a tantas outras dores.

Também há aquela busca em transmitir tranquilidade à cliente, com a técnica em que a depiladora diz o que vai fazer previamente, portanto a dor não será uma surpresa. Exemplo: “Eu vou só passar um pedacinho de cera aqui pra ti sentir a sensação da puxada, se doer paramos, mas fica bem tranquila, não dói nada.” ou então “Estamos quase acabando, aguenta só mais um pouquinho, tu consegue”. “Pronto! Acabou. Viu como é suportável?!” Depois de terminada a depilação, aplica-se os produtos pós-depilação que são calmantes e refrescantes, assim como as palavras da depiladora “Viu como foi rápido e nem doeu, na próxima o teu pelo vai vir mais fino e tu vai sentir menos dor ainda”. Esse conforto também diminui a sensação ou medo da dor. Não que isso funcione do mesmo modo para todas as mulheres, mas é uma maneira de se fazer e de amenizar o sofrimento.

[...]Eu tenho várias amigas que não depilam com cera porque elas tem os pelos fininhos por exemplo, então a primeira vez que eu fui me depilar foi uma amiga que me levou, porque ela se depilava com cera então ela dizia que era melhor e fui com ela um dia pra testar e doeu mas gostei. O tipo de depilação que eu mais gosto é com cera, principalmente pelo resultado, é... eu acho que com cera é a melhor. Não só o resultado, mas é uma vez! Puxa alí é rapidinho e já deu. É então agora pensando nisso eu acho que com cera, cera quente porque dói menos na hora e de preferência aquela cera que puxa o próprio material né. (Entrevistada 2).

Existem outras concepções relacionadas, que podem fazer com que a dor seja mais intensa. Acredita-se que a depilação uma semana antes da menstruação ou até mesmo em período de menstruação não é aconselhável. Nesse sentido, entende-se que depilar nesse período pode trazer muitos prejuízos a mulher. O primeiro deles é a dor mais intensa, pois neste período ou perto de ficar menstruada a mulher está mais sensível e sente tudo com mais intensidade.

Além disso, acredita-se que os pelos encravam e/ou inflamam, trazendo mais incômodo ainda quando começam a crescer novamente. Portanto é regra: nunca se depilar uma semana antes menstruar e nem no período menstrual e esse conhecimento é transmitido não só pelas depiladoras, como também entre mulheres. Mas essa sensibilidade, ou a própria tensão pré-menstrual (TPM), pode se relacionar e influenciar outros aspectos da vida de uma mulher. Ela pode sentir dores nos seios, inchaço, cólicas, vontade de chorar, facilidade em ficar brava e sem paciência, ou seja, certa intolerância a várias coisas que possam cruzar o seu caminho, como se ouve

frequentemente. Existe aí um aprendizado e uma troca sobre as nossas experiências como mulheres que, de certa forma, também está ligada às nossas construções de feminilidades.

O artigo “Hábitos e costumes de mulheres universitárias quanto ao uso de roupas íntimas, adornos genitais, depilação e práticas sexuais”, Giraldo et. all. (2013) relata algumas informações sobre depilação como um hábito de cuidados “da moda”. Através de um questionário com 42 perguntas, 364 estudantes de áreas biológicas, exatas e humanas, com idade média de 21 anos e maioria branca, afirmaram em grande parte que fazem depilação genital.

[...] A maioria das universitárias faz depilação genital, sendo que aproximadamente um terço delas o faz de forma completa (toda área genital). (GIRALDO ET. ALL.2013, p.404).

O texto faz críticas sobre hábitos de cuidados relacionados à área genital. Ele descreve usos inadequados de piercings ou tatuagens genitais, hábitos de vestimentas entre outros. Quanto à depilação, considera como uma técnica de cuidados de higiene e estética, porém sem comprovação prática.

[...] A depilação da área genital feminina atualmente é realizada por uma questão higiênica e de estética, apesar de não existir na literatura comprovação que essa prática melhore as condições de higiene da região. Embora a remoção total dos pelos pubianos seja considerada como novo padrão, pouco se sabe sobre suas consequências. Além disso, estudo norte-americano associou a remoção total dos pelos às idades menores e ao fato de se ter vida sexual ativa. Hoje em dia, há várias técnicas para se depilar, desde a lâmina, cremes depilatórios, ceras até a depilação definitiva com laser. (...) A adoção de medidas de higiene e de modificações de hábitos de vida voltadas à prática médica já é um consenso em Medicina e Saúde Pública. É utilizada desde o século XIX na prevenção de doenças. Assim como o simples hábito de lavar as mãos, o cuidado do genital feminino é medida individual simples e pouco dispendiosa para prevenir infecções. Por uma questão anatômica, sociocultural, econômica e sexual, o bem-estar do genital feminino tem sido negligenciado. (GIRALDO ET. ALL.2013, p 402).

Nota-se que os autores entendem as medidas de higiene feminina como algo sociocultural, no entanto, colocam a depilação dentre as práticas inadequadas aos cuidados genitais. Vale ressaltar que assim como os autores entendem não possuir comprovações práticas de que a depilação melhora as condições de higiene, também não existe comprovação prática que comprove que prejudique a mesma. O próprio texto ressalta a importância de se estudar os efeitos dessa prática.

[...] A falta de estudos sérios e com boa casuística a esse respeito impossibilita afirmar qual seria a melhor conduta a ser orientada às pacientes. (GIRALDO ET. AL.2013, p 405).

A respeito de considerarem a depilação como prejudicial, 80,1% das mulheres entrevistadas acham que a depilação pode ser prejudicial à saúde genital dependendo da maneira como é realizada, ou seja, o prejudicial não é a depilação em si, mas como ela é feita, o que demonstra a valorização da técnica, o modo de fazer. Apenas 5,5 % das mulheres acharam a depilação prejudicial.

Entre as participantes que depilam, 46,9% o fazem uma vez ao mês e 43,6% depilam duas ou mais vezes ao mês. Um percentual de 57,6% das estudantes depilam pelo menos a virilha e 36,8% fazem depilação de forma “completa” (toda a área genital). As substâncias mais utilizadas foram o creme depilatório (36,8%) e a cera fria ou quente (36,3%). (GIRALDO ET. AL.2013, p 404).

Visto os hábitos e costumes, torna-se necessário um aprofundamento nos estudos relativos aos corpos femininos, e a depilação pode ser um meio. Por ser um fenômeno sociocultural, nenhuma área melhor do que a Antropologia do Corpo e da Saúde para fazer esta análise. Nessa perspectiva, estudos com depiladoras e mulheres que se depilam se tornam importantes para a análise dos cuidados com o corpo, discursos sobre feminilidades entre outras construções. Além disso, as depiladoras são capacitadas em descrever as técnicas utilizadas nesse processo.

O texto de Silvia Naidin, “Fabricando Corporalidades. Usos e Discursos sobre Cirurgia Plástica no Rio de Janeiro”, (2013), traz a fala de Agrado, personagem do filme “Tudo sobe minha mãe”, de Pedro Almodóvar, que nos permite refletir sobre essa “construção do corpo”, que se dá igualmente em outros setores, com técnicas, significados, intensões diferentes, mas que não deixam de ser construções do meu corpo, através daquilo que eu projeto como ideal e corporífico em mim.

Além de agradável sou muito autêntica. Olhem só que corpo! Todo feito sob medida. Olhos amendoados, 80 mil. Nariz, 200 mil. [...] Peitos, dois porque não sou nenhum monstro, 70 mil cada um, mas eles já estão superamortizados. Silicone? Nos lábios, na testa, maçãs do rosto, quadris e bunda. O litro custa mais de 100 mil. Calculem vocês porque já perdi as contas. Redução de mandíbulas, 75 mil. Depilação definitiva a laser, as mulheres também vêm dos macacos, tanto ou mais que os homens. 60 mil por sessão. Depende da cabeluda que se é, o normal é entre duas e quatro sessões. Mas, se for uma diva do flamenco, precisará de mais, claro. Como eu ia dizendo, custa muito ser autêntica, senhoras. E nessas coisas não se pode economizar. Porque se é mais autêntico quanto mais se parece com o que se sonhou para si mesma. (NAIDIN, 2013).

A autora analisa, ainda, os significados assumidos pela cirurgia plástica, através dos relatos de interesses das pacientes e, ao fazer isso, nota um ideal de natureza que norteiam suas ações:

[...] A reação um tanto incomum da paciente foi motivo de satisfação para Dr. Rogério. “Aí percebi que tinha ficado bom mesmo”. Nada mais revelador do êxito do seu trabalho que essa “naturalidade” que o faz passar despercebido. Um “bom cirurgião” apaga os rastros da sua passagem, reduz ao máximo as marcas da intervenção. Outra paciente do Dr. Rogério me disse, muito satisfeita com a prótese mamária que havia colocado: “Eu amei, achei que ficou ótimo, nunca ninguém olhou pra mim e disse ‘ah, você fez plástica’”. “Meu corpo ficou mais harmônico, ficou muito natural”. As noções de “natureza” e de “naturalidade” estão profundamente presentes no campo das cirurgias plásticas, operando ao mesmo tempo como critério estético e moral. (NAIDIN, 2013. p. 195).

Em depilação isso é completamente ao contrário. As mulheres não querem a naturalidade de pelos em seus corpos. De maneira oposta, elas acham que o corpo sem pelos é o natural. Elas querem nascer sem pelos, de preferência em todo o corpo, com exceção dos cabelos da cabeça, sobrancelhas e dos cílios. Esses locais podem ter cabelos ou pelos em abundância.

5. A CONSTRUÇÃO DO “CORPO LIMPO”

A partir da minha observação e dos relatos das entrevistadas, a depilação tem significados diferentes para mulheres em idades diferentes. Existe um começo e uma continuidade na depilação. Inicialmente, parti da hipótese que a depilação estava relacionada com a construção de feminilidades e a própria sexualidade das mulheres, o que não está totalmente equivocado, porém é mais do que isso. Quando vemos os relatos de meninas com 10, 11, 12 anos, manifestando-se quanto a sua vontade ou necessidade de se depilar, elas não estão preocupadas com a sua sexualidade, elas estão preocupadas com o olhar do outro sobre si, pois a vida social tende a estar mais contínua e evidente nessa fase. Por exemplo, é bastante comum nessa fase a prática de alguma atividade física na escola, em clubes ou academias especializadas. Esportes como natação, vôlei, handebol, futebol, ballet ou dança em geral são os mais comuns. Muitas vezes, os pais ou responsáveis são os maiores incentivadores. Nesse sentido, quando a adolescente faz parte desse meio, o seu círculo social aumenta, sua convivência com outras pessoas e outros lugares é ampliada, logo, sua exposição tende

a ser maior. Com isso, vêm as “preocupações” com a aparência e com a forma de apresentação na sociedade.

Vejamos alguns relatos das entrevistadas:

[...] Eu tinha uns dez anos de idade, foi com lâmina no banho e escondido da minha mãe. Eu mesma me depilei porque tinha muitos pelos nas pernas (canelas) era preto e aparecia muito quando usava roupas curtas. Eu ficava com muita vergonha de mostrar os pelos, principalmente quando tinha educação física na escola e os meninos zombavam da gente... (Entrevistada 7)

[...] A minha primeira depilação eu tinha quatorze para quinze anos, eu acho que eu já tinha quinze, eu fiz com aqueles cremes depilatórios, quem fez em mim foi a mãe né, foi por uma questão de estética mesmo, assim porque eu achava que tinha que tirar, aquelas depilações que a gente fazia até as canelas porque eu achava a minha perna muito peluda daí a mãe comprou o creme e tirou pra mim, daí nós fizemos. (Entrevistada 6)

É frequente clientes de depilação, mães de adolescentes, levarem suas filhas para a primeira depilação. Elas, muitas vezes, acompanham esse momento “tenso”, mas “necessário”. É assim que se referem. Geralmente, as mães começam comentando com a sua depiladora que a sua filha já está cheia o de pelinhos na axila, perna, virilha e buço e que elas mesmas estão aparando em casa com uma tesourinha. Mas, logo em seguida, elas dizem: “uma hora vou ter que trazê-la aqui pra se depilar contigo!”. Ou então: “Ela não vem no salão porque sente muita vergonha dos pelos e de tirar a roupa pra se depilar. Vou ter que vir junto nas primeiras vezes.”. E ainda: “Coitadinha, ela é muito peluda. O pai diz que é muito cedo pra se depilar, mas imagina, dez anos! o que eu vou fazer? Deixar a gurria daquele jeito não dá né”. Também existe uma preocupação em estarem juntas na primeira depilação, para que assim, compartilhem mãe e filha dessa experiência de aprendizado feminino.

A partir disso, percebe-se que muitos comportamentos e discursos são observados e aprendidos por uma figura feminina, que pode ser a mãe, irmã, amiga, enfim, aquela que orienta sua ação, na sua construção de menina em mulher. Com isso, temos muito claro essa reprodução de comportamentos e padrões vistos como femininos por mulheres adeptas da depilação. Logo, podemos entender a depilação para as meninas dessa faixa etária como um estado de “liminaridade”, na qual as meninas que serão futuras mulheres, experienciam os hábitos femininos quando inseridas nesse universo.

Como um rito de passagem, o primeiro sutiã, a primeira menstruação, assim como a iniciação na depilação faz parte do universo de feminilidades ao qual às

mulheres estão inseridas. Os quinze anos de uma menina, por exemplo, está repleto de simbologia: as festas de debutantes nos clubes como uma forma de apresentação da menina à sociedade, o momento em que os pais trocam a sapatilha da filha pelo salto alto, entre outros exemplos, são alguns dos símbolos que direcionam para uma outra etapa. Uma que se conclui e uma nova que se inicia. Portanto, essa ambiguidade, “Menina x Mulher”, define-se simbolicamente quando se assumem alguns papéis sociais tradicionalmente “esperados” pela menina na sociedade. Frases do tipo: “Você já é uma mocinha” ou “Ela já é uma moça” querem dizer muitas coisas. Refere-se a um conjunto de comportamentos que de agora em diante passam a vigorar.

No artigo *Individualidade e Liminaridade: Considerações sobre os ritos de passagem e a modernidade* (2000), Roberto DaMatta, nos diz:

[...] a individualização dos noviços nos ritos de passagem não envereda pelo estabelecimento de uma ruptura, por meio da ênfase extremada e radical em um espaço interno ou em uma subjetividade paralela ou independente da coletividade; antes, pelo contrário, essa individualização é inteiramente complementar ao grupo. Trata-se de uma autonomia que não é definida como separação radical, mas como solidão, ausência, sofrimento e isolamento que, por isso mesmo, acaba promovendo um renovado encontro com a sociedade na forma de uma triunfante interdependência quando, na fase final e mais básica do processo ritual, os noviços retornam à aldeia para assumir novos papéis e responsabilidades sociais. Tudo se passa como se nos ritos de passagem, a reclusão, a individualização e a invisibilidade dos noviços fossem classificadas como estados negativos, como situações perigosas e anti-sociais que o estar fora-do-mundo (com sua pletera de mortificações) caracteriza, e que aproxima os neófitos dos feiticeiros, dos xamãs, dos heróis civilizadores, dos profetas e de outras figuras associadas a esse estado de distanciamento da sociedade”. (DAMATTA, 2000, p. 5).

Portanto, essa noção de liminaridade nos ajuda a pensar essa passagem de um estado ao outro como uma construção social de si, na qual mulheres, à medida que o tempo passa, gradativamente experimentam hábitos culturalmente aceitos entre as próprias mulheres. Nesse sentido, podemos dizer que a depilação é objeto de uma cultura que transforma o seu corpo natural com pelos, em um corpo socialmente construído sem pelos, o que elas chamam de “Corpo Limpo”. Vejamos algumas interlocuções das entrevistadas, a respeito do aprendizado sobre depilação:

[...] Quando eu era mais nova, acho que via bastante na mídia e nas pessoas ao redor de mim mesmo, tipo, o normal são homens cabeludos e mulheres sem pelos...e começar a se depilar quando viramos “mocinhas”. Depois de um tempo, eu me acostumei, virou uma parte da rotina do banho por exemplo. (Entrevistada 5)

[...] Ah! Eu via minha mãe, minha dinda ali, aham... via que faziam isso, minhas colegas também tavam começando, então eu também fui procurar né. (Entrevistada 1)

[...] Amigas que me disseram que se depilar com cera era melhor, em função do resultado mesmo, fica mais lisinho, não fica tanto tempo em função da gilete. Eu tenho várias amigas que não depilam com cera porque elas tem os pelos fininhos por exemplo, então a primeira vez que eu fui me depilar foi uma amiga que me levou, porque ela se depilava com cera então ela dizia que era melhor e fui com ela um dia pra testar e doeu mas gostei. (Entrevistada2)

[...] Eu não lembro muito bem, eu lembro que eu via a mãe se depilar, as minhas amigas, até porque com a mãe assim eu nunca tive muitos assuntos mais abertos né...esses assuntos. Foi mais assim de observar, de ver às vezes as propagandas na televisão, mas na profissional só fui depois de adulta. (Entrevistada 3)

Abaixo, veremos um quadro explicativo, a partir das respostas das entrevistadas. Nele, podemos observar as partes do corpo mais depiladas por faixa etária, bem como, nos permite visualizar as maiores necessidades ou prioridades das mulheres e o método de depilação usado:

Quadro 2 – Quadro sobre o método de depilação a partir das entrevistas

Idade	Método/	Partes do Corpo	Motivo Principal
10 a 15 anos	Depilação: Caseira e Profissional.	Pernas, axilas, buço, sobrancelhas.	Redes de socialização, Esporte, Conceitos de beleza e Higiene.
15 a 30 anos.	Caseira e profissional;	Sobrancelhas (Design), buço, Rosto, axilas, virilha, pernas, entre outros; Depilação à Brasileira.	Redes de socialização, Esporte, Conceitos de beleza e higiene, Sexualidade.
30 a 45 anos.	Caseira e profissional;	Sobrancelhas (Design), buço, Rosto, axilas, virilha, pernas, Depilação à Brasileira.	Redes de socialização, Esporte, Conceitos de beleza e higiene, Sexualidade.

45 a 60 anos.	Caseira e profissional;	Sobrancelhas (Design), buço, Rosto, axilas, virilha, pernas, entre outros. Depilação à Brasileira.	Redes de socialização, Esporte, Conceitos de beleza, higiene, sexualidade.
A partir de 60 anos.	Caseira e profissional;	Sobrancelhas (Design), buço, Rosto, axilas, virilha, pernas, entre outros.	Redes de socialização, Esporte, Conceitos de beleza e higiene.

Fonte: Quadro realizado pela autora.

As meninas começam a pensar em depilação a partir dos nove, dez anos de idade. Elas iniciam depilando a meia perna (do joelho para baixo), axilas, buço, sobrancelhas (somente o excesso), sem fazer o design, ou seja, sem desenhar um novo formato de sobrancelhas, mantendo o máximo de naturalidade, pois acreditam que uma sobrancelha feita com designer, retira o semblante de menina que elas ainda possuem. Só a partir dos quinze anos é aconselhável o design de sobrancelhas.

Após estar familiarizada com a depilação nesses locais, começa a se pensar em depilação na virilha, apenas o excesso, aqueles pelos que saem do limite da calcinha. Dessa forma, depilada, a menina já se sente segura em relação a sua imagem. Ela já considera que pode se expor nos ambientes de socialização como clubes, piscinas, praias e nas atividades físicas e redes de relacionamentos como um todo. Não se cogita a hipótese de exhibir os pelos da virilha, que saem do limite do maiô/ biquíni, em público, assim como das axilas e pernas, mas o mais “perigoso” seriam os pelos da virilha. À medida que a menina se torna uma jovem/ mulher adulta e também inicia sua vida sexual, as partes do corpo depiladas vão aumentando e a frequência da depilação também é maior. Isso é bastante notório em períodos que a depilação é muito procurada nos salões de beleza. Datas como dia dos namorados, aniversário de casamento ou namoro, aniversário do marido/parceiro são datas que a depilação está sempre em dia e a demanda aumenta nesses espaços.

[...] Os estudos que tinham a mulher ou as relações de gênero no centro de suas preocupações sempre tiveram, direta ou indiretamente, que tocar em questões de sexualidade. Contudo, essas questões talvez só se tenham colocado de forma mais contundente a partir dos questionamentos feitos de

dentro do próprio movimento feminista _ questionamento lançados pelas feministas lésbicas que denunciavam o princípio heterossexual implicado, aparentemente, no conceito de gênero e que reclamavam que suas experiências e histórias também mereciam um protagonismo até então negado. (LOURO, 2008, p.58).

Portanto, é impossível não pensar em sexualidade quando a cliente procura depilação nessas datas. Há casos de mulheres, entre 30 e 45 anos, casadas ou com companheiros, que preferem deixar os pelos da virilha e retirar só excesso. Essas não são adeptas a depilação à brasileira porque seus parceiros, maridos, geralmente mais velhos, gostam e tem fetiche pelos seus pelos pubianos. Assim sendo, elas só fazem uma “limpeza” no que sai dos lados, para fora da calcinha e mantêm o restante. Como vimos inicialmente, em séculos passados os pelos já eram erotizados pelos homens e isso ainda acontece nos dias de hoje.

Quando a mulher atinge a meia idade, a depilação segue normalmente. O argumento continua sendo higiene, beleza, mas existe um outro motivo, que elas consideram crucial: o surgimento de pelos pubianos grisalhos. Isso pode ser muito constrangedor para uma mulher, pois para grande parte delas a velhice ainda é um tabu, uma negação da beleza e tudo que pode vir com ela. Por isso, depilar os pelinhos brancos da região íntima é como colorir os cabelos da cabeça, é postergar ou não deixar tão evidente o surgimento de uma nova fase da vida dessa mulher madura, que elas desejam que demore a chegar. É um tipo de cuidado. É uma forma das mulheres se sentirem mais seguras, com a autoestima elevada e bonita.

A depilação na terceira idade se mantém, porém, se essas mulheres não possuem parceiro sexual, a depilação estará mais relacionada com a higiene, principalmente se vão ao médico regularmente ou realizam algum procedimento cirúrgico. Se as redes de socialização forem amplas, ou seja, se elas praticam exercícios físicos, como hidroginástica, pilates ou frequentam clubes, fazem viagens com frequência, elas ficam mais atentas a sua apresentação social e, assim, o fazem mantendo sua depilação em dia.

Uma de minhas entrevistadas é uma cliente que se autodeclara assexuada. Ela depila “religiosamente” todos os meses, pernas, virilha, buço, sobrancelhas e rosto. Se tratando da depilação íntima, é um ótimo exemplo para entendermos a depilação como uma cultura que não está relacionada somente à sexualidade. Embora isso faça parte, não é o único objetivo das mulheres. No caso dela, por exemplo, que não tem nenhum interesse por sexo, depila sua vagina todos os meses há muitos anos. Por isso, a

mulher que se depila e não possui companheiro, ou não tem interesse em sexo, está mais interessada com a sensação que a depilação proporciona, que geralmente está associada como a higiene e a beleza.

[...]Quando eu era mais nova, achava que era algo que todas as mulheres tinham que fazer. Hoje eu reconheço que deveria ser uma opção individual (e não só para mulheres). Eu me sinto mais leve e geralmente mais limpa, especialmente no verão. No inverno às vezes da vontade de não fazer, mas eu prefiro a sensação de limpeza. Quando os pelos estão mais compridos, no mais eu geralmente não noto, só sinto coceira as vezes, mas sinto uma diferença quando estou sem. A diferença seria a axila, parece que está sempre cheirando mau. E a sobrancelha e o buço quando eu vou passar maquiagem é que noto eles. No caso quando a sobrancelha está sem definição me sinto estranha, parece que o meu rosto está diferente. Mas não consigo imaginar parar totalmente de depilar em todos os lugares. (...) Acho que os homens preferem as mulheres depiladas, talvez por eles crescerem acreditando que seja o normal para as mulheres. Talvez algumas mulheres prefiram a não depilação dos homens, mas um cuidado com os pelos, tipo aparar, também por causa da imagem de que o homem tem que ser. Não tenho muita preferência porque considerando a minha orientação sexual, não tenho interesse em ter relações sexuais com ninguém. No meu dia a dia eu não tenho problemas com pessoas se elas se depilam ou não, geralmente. Tipo amigos e familiares. Uma coisa que eu preferia mas não por aparência é a depilação nas axilas, porque eu acho que fica um odor desagradável quando as pessoas suam. Mas nesse caso eu acho que todos deveriam depilar, independente de sexo e gênero. Se eles quiserem é claro, ninguém é obrigado a se depilar. (Entrevistada 5)

Quando pergunto sobre feminilidades, as respostas se misturam, algumas mulheres consideram a depilação como uma representação das feminilidades, enquanto outras acreditam que uma mulher não precisa se depilar para ser feminina, porém acham estranho não se depilar e não compartilham deste hábito. Sobre a escolha de algumas mulheres de não se depilarem, as entrevistadas responderam:

[...] Querem chamar atenção com algo que a gente considera estranho, porque é uma forma de reivindicação, pra mostrar que tá tão dentro da nossa cabeça que precisamos nos depilar, que quando alguém deixa de fazer isso, pelo menos 95% das pessoas já se assustam com aquilo ali. Mas existem formas de reivindicar que são mais higiênicas rsrsrsrsr, acho isso um desleixo. Não precisa deixar os pelos pra chamar a atenção, pode ser de outras formas rsrsrsrs. (Entrevistada 1)

[...] Assim, tá, sinceramente eu não sei bem o que te responder, eu não sei bem o que eu acho mas eu vou tentar. É assim, eu... eu não acho nojento né, eu também acho que cada um faz o que quer, mas quando eu olho eu penso assim: Ai que estranho! Me espanto, eu penso, nossa é diferente, é estranho, eu não faria, eu não sei se eu conseguiria eu penso. Mas eu não acho nojento, eu acho esquisito assim, diferente, mas ao mesmo tempo eu sou bem consciente que cada um faz o que quer e que é uma forma de tu...não de reconhecer o teu corpo, mas de tu aceitar o teu corpo como ele é. Assim, as convenções que a sociedade demanda né, mas assim, eu não consigo descrever que nem o nojento, nesse caso eu não acho nojento, mas não... sabe...pra mim não...eu não acho esteticamente bonito, eu acho que é isso. Mas eu não desprezo nem nada, por que tem gente que aí... que horror! Tem

gente que julga, eu não. Eu acho que até acho legal, inclusive eu vi umas fotos de umas meninas com as axilas pintadas de cores coloridas, e eu acho legal, nossa que bacana! Mas eu acho estranho rrsrrsrrsrs. É eu acho legal mas em você aí rrsrrsrrs em mim não. (Entrevistada 2)

[...]Não me incomoda ver uma mulher com pernas peludas ou buço. Acho que as vezes eu noto porque é diferente do que a maioria das mulheres faz, mas não acho feio ou nojento. (Entrevistada 5)

A maior parte das entrevistadas se mostrou preocupada com a higiene íntima. Elas acreditam ser de extrema importância a retirada dos pelos pubianos, pois eles são o motivo do mau odor nessa região por causa do suor, do sangue menstrual, da urina ou fezes em contato com eles. Mesmo aquelas que não eram adeptas a depilação à brasileira relataram que fazem o corte dos seus pelos com uma tesoura ou máquina elétrica para baixar o máximo possível o tamanho de seus pelos, evitando assim, o contato deles com essas secreções.

Além disso, existe uma sensualidade, uma ousadia na depilação total, em que as mulheres gostam de expor suas partes sem pelos na hora do sexo oral, pois acreditam ser, além de higiênico, mais atraente e prazeroso. Quando pergunto se há alguma pressão por parte dos parceiros em relação à depilação íntima, todas as entrevistadas relataram ser uma cobrança íntima e pessoal e que muitos dos parceiros não dão muita importância para isso, afinal de contas, os homens querem transar, não importa muito se você está depilada ou não. Vejamos alguns relatos:

[...] Então é uma questão muito pessoal e eu não acredito que esteja relacionado somente com o desejo pelo outro, eu acredito que é uma questão muito pessoal, tem homens que preferem e os que não se importam. Até porque eu tenho algumas clientes que dizem que os esposos não gostam que elas tirem tudo. (Entrevistada 4)

[...] Eu acho que os homens não dão muita bola quando o assunto é sexo mas ninguém merece uma mulher de axila cabeluda kkkkkk eca é muito horrível! Kkkkkk eu não gosto nem de suvaco peludo de homem porque é muito horrível, cheira mau e parece um bixinho, não, não tem condições de alguém gostar disso. (Entrevistada 7)

[...] Já pensei em não me depilar, tentei inclusive, nessa época que eu estava solteira, porque eu tenho essa coisa que, ah eu não sei... eu não gosto de fazer sexo quando eu tô com pelos, isso me incomoda. Então assim, eu já tentei ficar um tempo assim sem me depilar que era o tempo que eu não tava com ninguém, um mês, mais ou menos dois meses foi, mas eu não conseguia, tinha um momento que eu tinha que me depilar. (Entrevistada 2)

A hipótese de que a preocupação excessiva das mulheres com a depilação íntima e do corpo como um todo esteja relacionada somente com sexo ou à intensão de

agradar os homens é completamente equivocada. As mulheres se cobram muito mais do que os homens. Elas estão atentas a tudo, são treinadas desde a infância para isso. Nós santamarienses, que não fomos privilegiados com o mar em nossa cidade, quando vamos à praia, temos uma maratona de cuidados pessoais que passam por profissionais da beleza. Isso também acontece ao frequentar os clubes da cidade, assim sendo, é uma rotina de cuidados que já faz parte da vida das mulheres.

Em relação ao verão, quando as mulheres vão à praia, elas vão preparadas. Os cuidados corporais não são poucos: Depilar perna inteira, virilha, axila, buço e sobrancelhas. Fazer, pés e mãos, de preferência pintar as unhas com cores vibrantes que combinam mais com a estação. O cabelo tem que hidratar, retocar a raiz ou as mechas, ou fazer uma progressiva para facilitar o trabalho de escová-lo. Muito protetor solar Pfs 50 no rosto e chapéu para proteger a pele e evitar manchas do sol. No corpo protetor Pfs 30, mas por cima disso, elas passam bronzeador e acelerador para ficar com a pele bem bronzeada, com muita marquinha de biquíni porque isso é considerado lindo. Adicionar betacaroteno na dieta ajuda a manter a cor e se mesmo assim as clientes não conseguem aquele corpo “dourado” do verão, passam autobronzeador, ou fazem bronzeamento artificial à jato.

Quando retornam da praia, repetem tudo porque a praia “acaba com a gente”. Depilar novamente todas as partes mencionadas anteriormente, fazer pés e mãos porque a areia e o autobronzeador acabam com o esmalte. Tirar as pontinhas do cabelo e hidratar muito porque o mar e sol detonam o cabelo. Já estava esquecendo da pele: muita hidratação corporal, limpeza de pele pra iluminar o rosto e hidratar a pele profundamente, já que o sol, vento e areia envelhecem. Além de tudo que foi mencionado acima, existem outros fatores de extrema preocupação para muitas mulheres, como estar magra, ter um corpo sarado de academia, ou fazer uma cirurgia plástica, enfim... Coisas que dizem muito sobre o corpo feminino e suas “ditaduras” da beleza. Porém, não irei adentrar nesse assunto, mas acredito ser de grande relevância e necessário. O que desejo salientar é que assim como o resultado, o processo de embelezamento das mulheres e como elas pensam e fazem isso é de extrema importância. Elas se cobram muito e isso está evidente em seus métodos de cuidados corporais.

Ainda assim, a partir dos relatos das entrevistadas, muitas mulheres manifestaram o desejo de agradar a elas mesmas. Elas gostam de se cuidar e se sentirem bonitas praticando esses cuidados que fazem parte desse processo de construção de

feminilidades. A depilação é um cuidado corporal introduzido no início da pré-adolescência da menina, logo quando começam os discursos sobre ser uma “mocinha”, ou pela própria observação de como aprender a ser uma mulher. Assim como aprendemos a nos vestir, andar, arrumar os cabelos, etc, aprendermos culturalmente a construir nossos corpos a partir de hábitos que nos são ensinados e introduzidos na nossa cultura e passados para outras gerações.

Assim, depois adultas, elas se cobram, permitem-se, decidem, são cobradas e pagam para fazer ou por fazer isso. É claro que a opinião dos homens tem muita importância nesse processo de construção do corpo feminino, talvez menos do que a opinião de outras mulheres, mas se tratando de depilação, os homens não estão extremamente preocupados com isso quanto às mulheres. Vejamos alguns relatos das entrevistas:

[...] Eu prefiro o relacionamento com a depilação, prefiro que o homem também faça isso né, não é uma coisa que seja regra mas pro meu gosto pessoal sim, prefiro com depilação, tanto pra mim quanto pra ele, inclusive o prazer muda, é diferente, o contato e a sensação. (Entrevistada 6)

“[...] a cobrança é minha mesmo. É uma coisa bem interessante mesmo, meu namorado atual eu falava pra ele, a tô pensando, antes de vir aqui, ele só me ouvia, só me ouvia, não falava nada, rrsrrsrrs, aí acho que teve um dia que ele falou: ah eu não me importo, por que eu tirava com gilete né, eu não me importo, tu é bonita assim, aquela coisa né... pois é, daí quando eu me depilei, a primeira vez que ele viu e tava lisinho assim né, diferente da gilete, ele disse: Ai que bom! Que legal! Aquela coisa né e ele gostou e aí eu disse ah mas tu não me disse isso! Daí ele falou: Não... é que eu não queria te influenciar rrsrrsrrs. A decisão tem que ser tua”. (Entrevistada 2)

“Eu acho a depilação algo muito bom, é uma questão de beleza também, é bonito ver uma pessoa bem cuidada, que cuida de si e tem haver com higiene no meu ponto de vista e eu nunca vou deixar de me depilar. A mulher se não se depilar não vai deixar de ser feminina mas eu acho meio nojento e o homem que se depila também é higiênico”. (Entrevistada 3)

O que se mostrou predominante nos relatos é a construção deste “corpo limpo”. Ele é fruto de uma noção de beleza, ou seja, os pelos são feios; de uma noção de bem-estar: a sensação de tocar na pele lisinha, sem os pelos ásperos é muito agradável; e por último, não menos importante, uma noção de higiene: pelos são nojentos, podem causar maus odores e acumular sujeiras. Esse triangulo relaciona-se perfeitamente quando pensamos na “cultura da depilação”. É impossível falar de depilação e não obter respostas que falem sobre sensações, higiene e beleza.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos então concluir que a depilação feminina não é algo novo. Povos em tempos antigos já praticavam essa cultura, no entanto, as significações podem modificar-se à medida que a sociedade vai igualmente mudando, como visto a exemplo da sociedade moderna. Nela, as mulheres foram inseridas ao mercado de trabalho, o que possibilitou sua visibilidade e do seu corpo. Por sua vez, deixou explícito o quanto o seu corpo sempre foi politizado ao impor a depilação como prática de “mulheres de família”, que não provocam os homens mostrando seus pelos.

De todo modo, embora muitas mulheres da época tenham se manifestado contra esse absurdo, a cultura da depilação já existia, mesmo que de modo discreto. Com isso, as mulheres sempre estiveram muito presentes nesta prática de depilação e se apropriaram dos saberes técnicos, que foram passados de geração em geração. Dessa forma, a depilação com o tempo, especialmente na contemporaneidade, tornou-se algo especializado, realizada atualmente por depiladoras, aquela que possui a técnica, neste caso em específico, do método Espanhol, bem como por fisioterapeutas ou profissionais da área da saúde graduadas e especialistas em depilação a laser. A essas formas de depilação, chamei de “Método de Depilação Profissional”. As mulheres não especializadas também realizam a depilação com lâminas, cremes ou aparelhos depilatórios, de forma não profissional, que classifiquei como “Depilação Caseira”.

As entrevistas mostraram que as mulheres preferem a depilação com cera quente, a qual retira os pelos pela raiz, em função dos resultados obtidos pós-depilação. São eles: pele lisa e macia, sem a sensação de aspereza dos pelos, um maior tempo sem os pelos, pois demoram mais para nascerem, sensações de estar limpa, dessa maneira, higiene é um fator muito citado por todas as entrevistadas e a certeza de que um corpo depilado é um corpo bonito.

A técnica depiladora é uma figura indispensável para quem deseja este corpo “bonito, macio e limpo”. Isso torna-se um valor para as mulheres adeptas ou não à depilação. No entanto, o que faz com que essa educação do corpo exista tão fortemente na nossa cultura são as próprias mulheres. Elas estão inseridas nesse discurso de feminilidades e, através da cultura de cuidados corporais da depilação, ensinam as próximas gerações qual a melhor forma de uma mulher se apresentar na sociedade. A maior parte delas aprendem a gostar dessa cultura e a naturalizam. Por mais doloroso que esse processo de depilar possa ser, há um aprendizado em suportar a dor e uma técnica que ajuda a “aguentar” esse momento. Além disso, a depilação serve como um limitador de uma fase da vida, enquanto criança os pelos são aceitáveis, mas quando a

menina começa a se tornar mulher, parece inevitável que a depilação surja em algum momento.

Portanto, existe uma construção de gênero por traz desse “corpo limpo” que nos diferenciam como mais femininas sem pelos e menos femininas com pelos para a maioria das entrevistadas. Por mais tolerantes que a maioria das entrevistadas se mostraram ao imaginar conviver com mulheres que optam por não se depilarem, nenhuma delas demonstrou interesse em parar de se depilar algum dia. Para essas mulheres, a depilação continuará acontecendo mensalmente ou diariamente dependendo da técnica e quebrar esse padrão será muito difícil, pois a depilação é um modo feminino de levar as suas vidas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Januária Cristina. *O Lado Feminino do Brasil Colonial: a vida das mulheres no século XVI*. (2016). Disponível em: <https://super.abril.com.br/historia/o-lado-feminino-do-brasil-colonial-a-vida-das-mulheres-no-seculo-xvi/> . Acesso em: setembro de 2019.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: fatos e mitos*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960.

DA MATTA, Roberto. Individualidade e liminaridade: considerações sobre os ritos de passagem e a modernidade. In: *Mana*, Rio de Janeiro, abr. 2000, vol.6, no. 1. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132000000100001 Acesso: agosto de 2019.

_____. *O Ofício de etnólogo ou como ter Anthropological Blues*. Brasil: Nova Série, 1978.

DIVINO LASER. *Referente as partes do corpo que são depiladas*. Disponível em: <http://divinolaser.com.br/quais-partes-do-corpo-podem-ser-depiladas/> Acesso em: outubro de 2019.

ESPAÇO LASER DEPILAÇÃO. *Restrições quanto a depilação à laser*. (2019). Disponível em: <https://www.espacolaser.com.br/> Acesso em: outubro de 2019.

GIRALDO, Paulo César, et al. Hábitos e costumes de mulheres universitárias quanto ao uso de roupas íntimas, adornos genitais, depilação e práticas sexuais. *Rev. Bras. Ginecol. Obstet.* [online]. 2013, vol.35, n.9. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-72032013000900004> Acesso: agosto de 2019.

INSTITUTO MUNDO FÍSIO. *Diferença entre Depilação e Epilação*. (2010) Disponível em: <https://www.mundofisio.com/noticias/42-diferenca-entre-depilaca> Acesso em: outubro de 2019.

JUNQUEIRA, Carmem. *Os Kamaiurá das Terras Indígenas do Xingu*. (2012). Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/ecopolitica/article/view/13058> Acesso em: setembro de 2019.

LE BRETON, David. *Antropologia da Dor*. São Paulo: UNIFESP, 2013.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho - ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MACEDO, José Rivair. A Face das Filhas de Eva: os cuidados com a aparência num manual de beleza do século XIII. In: *Revista História*, (Universidade Estadual Paulista-UNESP), vol. 17-18, 1998-1999. Disponível em: <http://docplayer.com.br/9789213-A-face-das-filhas-de-eva-os-cuidados-com-a-aparencia-num-manual-de-beleza-do-seculo-xiii-jose-rivair-macedo.html> Acesso: agosto de 2019.

MAFRA, Isis. *A história da depilação/epilação*. (2015). Disponível em: <http://www.isismafra.com/2015/12/historia-da-depilacao-epilacao.html> Acesso em: setembro de 2019.

MAUSS, Marcel. As Técnicas Corporais. (1934). In: *Marcel Mauss, sociologia e antropologia*, vol. 2. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974.

NAIDIN, Silvia. Fabricando Corporalidades. Usos e Discursos sobre Cirurgia Plástica no Rio de Janeiro. *Desigualdade & Diversidade – Revista de Ciências Sociais da PUC - Rio* edição dupla, nº 12, jan/dez, 2013.

RODRIGUES, José Carlos. *Tabu do corpo*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2007.

SANTO, Paulo. *O Kwarup dos Kamaiurá*. (2015). Disponível em: <https://acervoh.photoshelter.com/image/I0000V5BbhxIhkf4> Acesso em: outubro de 2019.

SEBRAE. Empresas e pessoas ocupadas por setor em 2011. Cadastro Sebrae de empresas CSE, 2011. In: *Beleza & Estética: Estudo de Mercado* – Salões de Beleza, Carteira Beleza e Estética – UACS – Sebrae Nacional. Brasília, 2013. Disponível em: <https://docplayer.com.br/46305778-Servico-brasileiro-de-apoio-as-micro-e-pequenas-empresas-sebrae-presidente-do-conselho-deliberativo-nacional-roberto-simoes.html> Acesso em: setembro de 2019.

_____, *Parceria entre Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior – MDIC, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA e Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – SEBRAE.* Disponível em: http://www.mdic.gov.br/arquivos/dwnl_1414414334.pdf Acesso em: setembro de 2019.

_____, *DATASEBRAE - Indicadores.* Total de Empresas de 2009 a 2014. Disponível em: http://sistema.datasebrae.com.br/sites/novo_datasebrae/#Empresas/Total_de_empresas/Grafico Acesso em: outubro de 2019.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: NUNES, Édson de Oliveira (org.) *A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social.* Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

S/A. *História da depilação: linha do tempo sobre os costumes.* Disponível em: <https://www.naomaispelo.com.br/historia-da-depilacao-linha-do-tempo-sobre-os-costumes/> Acesso em: outubro de 2019.